

X ASSEMBLEIA DA REDE TUCUM



LOCAL: TATAJUBA, CAMOCIM, CE
08 A 10 DE NOVEMBRO DE 2016

Relação de presentes:

*Com base na assinatura das listas de presença

Nome	Entidade / Comunidade	Município
Josael Jairo Santos Lima	Instituto Ambiental Viramundo	Fortaleza
Edna Santana dos Santos	Associação Quilombola do Cumbe	Cumbe - Aracati
Luciana Santana Souza	Associação Quilombola do Cumbe	Cumbe - Aracati
Francisco Ivan de Sousa	ACOMOTA	Tatajuba - Camocim
Raimundo Ferreira da Silva	ACOMOTA	Tatajuba - Camocim
Antonio Sousa Pinto	ACALMA	Ass. Maceió - Itapipoca
Edilaine Albertino de Moraes	UFRJ – UFJF	Rio de Janeiro
Joana Vidal Maia	Instituto Terramar	Fortaleza
Ligia Alves Viana	Instituto Terramar	Fortaleza
Rogéria de Oliveira Rodrigues	Instituto Terramar	Fortaleza
Beatriz Goes Ribeiro	Grupo de Jovens, Conselho RESEX PCV, Levante Popular	Prainha do Canto Verde – Beberibe
Gilmara dos Santos Monteiro	Grupo de Jovens Tatajuba, MPP	Tatajuba - Camocim
José Valdeni Pinto dos Santos	ACALMA	Ass. Maceió - Itapipoca
Maria Helena dos Santos Soares	GT Rede Tucum	Caetanos de Cima – Amontada
Fernanda Alves de Sousa	GT Rede Tucum	Coqueirinho – Fortim
Carlos Messias de Oliveira	GT Turismo	Coqueirinho – Fortim
Larissa Nogueira dos Santos	GT Turismo	Coqueirinho – Fortim
Carlos Amaro dos Santos	Templo da Poesia / Vila de Poetas	Maranguape
Vera Lucia Alves Mariano	Centro Frei Humberto	Fortaleza
Bruna Vasconcelos dos Reis	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Rosilene Moura da Guia	ACALMA	Ass. Maceió - Itapipoca
Victor José Barbosa	GT Rede Tucum	Caetanos de Cima – Amontada
Maria Odete de Carvalho Martins	Associação de Pescadores e Marisqueiras da Resex de Batoque	Batoque – Aquiraz
Maria de Lurdes Reis da Silva	Associação de Pescadores e Marisqueiras da Resex de Batoque	Batoque – Aquiraz
Ana Sueli de Lima	GT Rede Tucum	Caetanos de Cima – Amontada
Maria Aparecida de Alcantara	Associação Caiçara	Icapuí
Manoel Ribeiro Mendes	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
José Victor dos Santos de Sousa	Associação Quilombola do Cumbe	Cumbe – Aracati
Lucio Alves da Silva	GT Rede Tucum	Jenipapo Kanindé – Aquiraz
Carlos Vinicius dos Santos	GT Rede Tucum	Curral Velho – Acaraú
Francisco José Vasconcelos Filho	GT Rede Tucum	Curral Velho – Acaraú
João Batista dos Santos	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Maria Conceição Alves Correia	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Ágabo Crispim da Silva	GT Rede Tucum	Ponta Grossa – Icapuí
Luana Lucia de Oliveira Rebouças	Biblioteca Comunitária Praia de Quitérias – Grupo de jovens	Quitérias – Icapuí
Antonio Gildázeio da Silva Gurgel	Icapuí	Icapuí
Aila Maria da Silva Fernandes	GT Rede Tucum	PCV – Beberibe
Francisco José Moreira Nunes	Instituto Estrela do Mar de Arte e Cultura	Vila da Volta – Aracati
Marli Fernandes de Lima Scharer	GT Rede Tucum, Rede Budega	PCV –Beberibe

Rene Scharer	GT Rede Tucum	PCV – Beberibe
Douglas Oliveira Castro	GT Rede Tucum	Batoque - Aquiraz
Francisco Valyres de Sousa	APAPAIS	Caetanos de Cima – Amontada
Antonio Carneiro dos Reis	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Janaina da Silva Vieira	GT Rede Tucum – Trilhas	Jenipapo Kaninde - Aquiraz
Rosa Maria Martins Pereira	Associação de Moradores Araticum	Araticum – Palmácia
Francisco Genildo Araujo Monteiro	ACOMOTA	Tatajuba - Camocim
Maria Edilia Araujo Monteiro	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Sulamita Lino Freire	Instituto Terramar	Fortaleza
Maria Edileusa Araujo Monteiro	ACOMOTA	Tatajuba - Camocim
Antonia Romão da Silva	ACOMOTA	Tatajuba – Camocim
Antonia Maria dos Santos	ACOMOTA	Tatajuba - Camocim

DIA 07/11/2016

Acolhida dos participantes da X Assembleia da Rede Tucum.

Local: ACOMOTA

- Apresentação da proposta de programação para construção coletiva de todos/as presentes



Dia 08/11/2016



MÍSTICA DE ABERTURA



Manhã: Debate sobre conjuntura política, políticas de turismo e turismo comunitário

Joana (Terramar): cenário de mudanças políticas que refletem sobre o cotidiano das comunidades no qual num contexto de golpe há um retrocesso na conquista de direitos, recrudescimento da atuação do Estado numa direção conservadora e fundamentalista legitimando preconceitos e políticas que atendam interesses econômicos e de grandes setores produtivos no país e favorecimento do capital financeiro. Isso implica em avanço sobre os territórios com processos de vulnerabilização das comunidades, com inviabilização dos modos de vida e perda de territórios. No âmbito dos retrocessos trouxemos alguns destaques como os Decretos 8424 e 8425 que ameaçam diretamente a pesca artesanal e os direitos dos trabalhadores da pesca, com forte recorte de gênero e retrocedendo em direitos já conquistados pelas pescadoras. O Decreto 8424/2015 dispõe sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador artesanal e desconsidera as outras dimensões produtivas da cadeia familiar da pesca artesanal. Para acessar o Registro Geral da Pesca que garante acesso a benefícios e políticas públicas o Estado aponta como pescador artesanal apenas quem faz a captura do pescado e, portanto, desconsidera os outros processos envolvidos na pesca como beneficiamento, confecção de apetrechos, etc. Com isso nega o acesso aos direitos sociais aos demais integrantes dos processos que envolvem a atividade da pesca artesanal e que inclui em sua maioria as mulheres. O decreto nega ainda o caráter múltiplo de

produção e vida cotidiana dos pescadores quando institui que este deve dedicar-se exclusivamente à pesca desconsiderando as outras atividades que exercem como agricultura e artesanato. Além disso, o decreto beneficia os empresários da pesca ao considerar atividades em grandes embarcações como pesca artesanal contribuindo para a precarização do trabalho com não pagamento de encargos e exploração massiva do pescador contratado. O Decreto 8425/2015 dispõe sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira e para a concessão de autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira. O Decreto limita a atuação da pesca artesanal e na diversidade de pescado no país.

Ainda é importante trazer os efeitos da PEC 55 que tramita no Estado e prevê o congelamento dos gastos públicos. Isso implica na limitação e supressão de recursos para os gastos com políticas sociais e ambientais.

Diante de um contexto de retrocessos de direitos os movimentos sociais vivenciam um processo de criminalização de lideranças e militantes que atuam questionando e visibilizando as contradições, limites, desmantelamento de instituições públicas, interesses privados e ilegalidades praticadas por essa estrutura política. São ataques por todos os lados e que estrategicamente conduz a um processo de fragmentação das ações de luta. O que nos trás a importante reflexão de fortalecer no âmbito das comunidades, suas práticas de resistência, de garantia e defesa do território numa atuação coletiva e integrada na construção de diálogos e intercâmbios que ofertam indícios estratégicos de luta.

Sula (Terramar): É importante iniciar com uma problematização sobre O Plano Nacional de Turismo que em todo o seu texto menciona apenas uma vez o termo turismo de base comunitária. E ainda sim numa perspectiva fragmentada e não aprofundada. Lançando olhar sobre a perspectiva de investimento em turismo no Brasil, tem-se a intenção de que o Brasil saia de 11º para 3º no mundo em economia turística. Essa é a meta. Para tanto foram traçados as estratégias políticas de atração de investimentos por meio de ações de flexibilização das leis, realização de megaeventos e estratégias de “melhoria” jurídica. Essa atuação permite facilitar e garantir a implantação, por exemplo, de grandes empreendimentos turísticos estrangeiros. Ocorre um processo de flexibilização das leis ambientais para todos os projetos de infraestrutura, desmantelamento do processo de licenciamento ambiental e sucateamento dos órgãos públicos como IBAMA, FUNAI, INCRA, ICMbio que atuam na proteção ambiental e garantias de territórios de povos e comunidades tradicionais.

- Em relação aos megaeventos como copa, paraolimpíadas e olimpíadas tem-se uma dinâmica de atração de investimentos por meio de implantação de grandes obras de infraestrutura e políticas de gentrificação que acomete as populações pobres das cidades retirando-as de seus territórios de vida para áreas outras da cidade. A perspectiva do Estado para investimento neste setor é de garantir a continuidade da realização de megaeventos esportivos e de outras naturezas, que estes possam ser captados para cá.

- dos 5 objetivos apontados no Plano Nacional 4 estão voltados para captação dos investimentos estrangeiros e para garantir o fluxo de turistas. Destinar mais recursos para atrair turistas estrangeiros.

Nesse sentido, é importante refletirmos sobre as implicações desse modelo de gestão pública direcionado para atração de grandes empreendimentos turísticos, na massificação do turismo e investimento na atividade turística em larga escala. Qual imagem que é “vendida” do Brasil?

A marca adidas de artigos esportivos criou, por exemplo, uma linha especial específica para a copa do Brasil. Em uma de suas peças de divulgação encontramos uma imagem que reforça a cultura do estupro, no uso do corpo da mulher como atrativo e de incentivo ao turismo sexual.

No Ceará, em 2016, aconteceu o Festival de Oportunidades de Negócio e Turismo do Extremo Oeste organizado pela prefeitura de Camocim e realizado pelo SENAC, Secretaria de Turismo e empresas de especulação imobiliária. Os Planos para as regiões de Camocim, Barroquinha, Chaval, e demais municípios da região do Extremo Oeste estava focado na necessidade de superar a “insuficiência” desta região em infraestrutura para atração de turistas pautado no turismo de larga escala.

As agências CVC, Resorts, etc identificam os interesses e futuro do turismo brasileiro e oportunidades de negócio, atuando em conjunto e incidindo na esfera pública na composição do plano Nacional e incluindo demandas de interesse privado no orçamento de 2017. E assim tem-se um direcionamento da política pública segundo seus interesses culminando com criação de emenda parlamentar para que fossem instituídas três prioridades para o orçamento do turismo no país: promoção da imagem brasileira no exterior, investimento em projetos de infraestrutura política de iniciativa privada, capacitação para o setor de serviços (e vale aqui uma problematização sobre precarização do trabalho na atividade turística de massa).

Há investimento forte no discurso de geração de emprego e renda como ilusão de prosperidade e futuro, sobretudo, entre a juventude. Mas, o que ocorre são formas de tratamento, exposição e práticas de trabalhos que não oferecem condições de vida, dignidade e real garantia de qualidade de vida para o trabalhador. O cenário aponta uma conjuntura de trabalho explorado e precarizado.

A questão do turismo de massa tem reflexos sobre povos e comunidades tradicionais pelo mundo inteiro e tem limites em si mesmos, não permanecem lucrativos por longas datas. No Caribe e Cacun, por exemplo, foram vendidas tantas terras que as pessoas do local não tem mais onde morar. Grandes resorts não conseguem ter ocupação (destroem a biodiversidade) por deixarem de ser atrativos, pois acabaram com a biodiversidade, fauna e flora da região que eram base atrativa do lugar, com suas belezas naturais. E assim, deixou de ter o atrativo.

No Brasil experiências de turismo comunitário são exemplos de resistência. Tucum é referência para o Brasil e constitui-se em estratégia que resistência. Que nos territórios há resistência.

O debate do turismo não pode estar apartado da realidade das comunidades. Trazer as políticas que envolvem as questões do turismo é importante para sabermos o que está pensado no âmbito do poder público para a zona costeira e o quanto essas políticas e seus interesses podem afetar as comunidades, considerando, principalmente, o fato de estas estarem relacionadas a garantia dos interesses privados.

DEBATE:

Valyres (Caetanos de Cima) – destaca que os empresários têm suas estratégias. O Pirata faz depoimento de que diz que quer ajudar as comunidades pobres e que é atrapalhado pelos movimentos que não queriam o progresso. Eles investem alto e exigem do Estado o investimento auxiliar como o de infraestrutura. Existem brinquedos de parques que custam 180 milhões de dólares por exemplo. Exigem dos ministérios que estes sejam flexíveis a estes parques aquáticos e de que o Nordeste é ideal para estes empreendimentos. Enquanto isso, as pessoas estão longe das informações. O emprego de garçon e camareira é neutralizador e as pessoas não podem ser mais do que isso. Ideia é de que se restrinja cada vez mais a área de transito e de vida para os agricultores.

Luciana (Cumbe) – destaca a importância do turismo comunitário como defesa do território e que contribui para impedir que esse turismo de massa chegue. Canoa quebrada é agora dos gringos e é lazer para quem vem de fora e para levar lucro pra fora. Cumbe tem poucos recursos o que impede de desenvolver o turismo. Mas o turismo comunitário é melhor do que vender as terras pra alguém fazer uma pousada, e que depois vai escravizar as pessoas da comunidade. É melhor você fazer você mesmo. Estamos tentando articular o turismo comunitário, estamos ainda no princípio, mas, estamos nos inserindo para garantir nossa atuação e defesa do território. Somos desqualificados pelos empresários dizendo que não trazemos empregos, e que esses grandes empreendimentos vão dá empregos. O turismo comunitário a gente usa como elemento para brigar, para apostar em possibilidade de geração de renda com autonomia dos pescadores e pescadoras. Aqui em Tatajuba tem muita beleza e lá em Cumbe também temos braço de gamboa e os rios. Então o turismo comunitário vem para fortalecer as comunidades e para reforçar que temos um potencial. A festa do Mangue é uma festa de resistência que tá começando a fazer o turismo comunitário. As pessoas são da comunidade e organizam a própria acolhida, os visitantes vem deixam uma renda e não vão tomar nosso território. Temos interesse em integrar a TUCUM e trouxemos a carta para adesão ao coletivo. Já trabalhei nas pousadas em Canoa Quebrada e a forma de trabalho é de muita escravidão. E quando fazemos o turismo comunitário estamos trabalhando pra gente. Não estamos destruindo e usamos o território como é de costume usar sem cercar e privatizar, mas de propiciar vivenciar as coisas do território sem destruir. Esse turismo comunitário é uma forma de fortalecer para garantir a defesa do território contra esses grandes

empreendimentos. Precisamos sensibilizar e integrar as pessoas na cadeia do turismo comunitário para fortalecer a união da gente e nos anteciparmos para quando vierem esses grandes resorts nós estarmos fortalecidos

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Estamos numa área que há um programa do governo chamado de Rota das Emoções que envolvem Camocim, e outros locais como Barreirinha e Jericoacoara, etc. Essa é uma estratégia conjunta, entre empresários do turismo e Estado, de apoio, formação e estrutura para trazer turista, inclusive com implantação de aeroporto em Cruz como forma de destinar os turistas para Jericoacoara. A Política visa criar uma megaestrutura para grandes empreendimentos e empresários do turismo. Ninguém das comunidades participou da construção desse projeto. Em termos de política temos a previsão de construção do aquário com investimento de 300 milhões, e que o acesso não será para quem é da região, e mesmo não tendo tido as aprovações necessárias de licenciamento teve sua construção iniciada. É importante questionar essa política e para isso é necessário conhecer quem são os gestores e suas alianças: secretários de turismo, por exemplo. Qual a relação deles com o turismo, e como as comunidades se relacionam com a estrutura de Estado sobre a questão do turismo? Ficar de olho e ouvido aberto pois, dinheiro público está sendo destinado para interesses privados. Pressionar as instâncias políticas fazendo o controle social desse recurso a ser destinado para o turismo. Pesquisar, pressionar e descobrir as intenções e projetos de turismo para o município.

Aila (PCV) – PCV foi exemplo para muitas comunidades. Sou muito grata a essa forma de vida de trabalhar com turismo comunitário Tenho minha pousada e foi uma das primeiras, não pretendo mudar nunca. Gosto do meu espaço de trabalho e mesmo em situações de crise, eu resisto e nós nunca vamos deixar de realizar esta atividade. O turismo comunitário não é valorizado e é a gente então que tem que fazer acontecer.

Messias (Coqueirinho) – Temos poucas chances de entrar nesses grandes investimentos. Até 10 anos atrás a gente nem era citado em nada. Basta da uma chance pra gente e a gente aproveitar e aparecer. Lá no meu município nós fizemos isso. Pedreira tentando passar por Coqueirinho com conversa de emprego, cavar poços etc. Fomos lá e dissemos que a gente não quer. Mas, fica difícil se tem SEMACE, IBAMA e Prefeito, tudo apoiando. Mas, então nós discutimos e tomamos a iniciativa de exigir que seja feita a estrada do assentamento. E com uma luta foi feita estrada. Quanto ao turismo comunitário ele é um elemento de disputa contra turismo convencional. Temos que enfrentar e visibilizar a luta. A Rota das Falésias imita o que já existe. E é importante sensibilizar dentro de casa também pois, nem sempre querem e entender o significado o turismo comunitário.

Josael (Instituto Ambiental Viramundo) – Para falarmos sobre a questão do avanço de investimento em grandes obras de infraestrutura é importante resgatar o PRODETUR. A Rota das Emoções está na segunda etapa do PRODETUR. A primeira eram as estradas, saneamento (mal feito por sinal), Aeroportos e equipamentos que atraíam visitantes estrangeiros. São estratégias que estão relacionadas a política de turismo. Acredito que a

pretensão em ser o terceiro no mundo talvez não seja possível alcançar por conta do nível dos países europeus e avanço de infraestrutura destes. A outra coisa é que há um avanço intensivo na destruição das belezas naturais que acabam dizimando os modos de vida local e a biodiversidade e leva ao fracasso turístico devido a eliminação do atrativo. No turismo comunitário é importante considerar a autonomia e as estratégias de garantia e sobrevivência sem a dependência do Estado, sobretudo nessa conjuntura que hoje tá imposta. A visão dos gestores de turismo é que a de que a população das comunidades vivem em extrema pobreza. A Rota das Emoções conta em sua concepção com representantes de governo local e federal. A ideia é implementar um dinâmica no qual, o turista não precise mais descer em Fortaleza mas, que possa já ter um acesso mais próximo via construção de aeroportos em outros municípios. A estratégia de políticas de turismo do Estado destina recursos em excesso e concentra investimento. E ainda, há questões de vinculação criminosa. Tem complexo hoteleiro com ligação com o crime organizado internacional e lavagem de dinheiro. Um investimento que vem para legalizar a origem ilegal do recurso. Tem ainda a questão do tráfico de mulheres. Todo esse cenário tá posto para esse caminho. É importante pensar numa luta coordenada. Se juntando para o enfrentamento. Considerar a problemática da água e colapso d'água. Há movimentos que estão nesse campo e se solidarizam com esta luta. A água é privatizada para recreação, há o uso desperdicioso.

Francisco (Vila da Volta) – nas universidades só se falava em turismo de massa. Mas tem alguns professores que já tratam do turismo comunitário. As comunidades devem valorizar o turismo comunitário e que ainda não tem aprofundado essa dimensão. Importante pensar no projeto São Jose que vem de cima pra baixo e com valor muito alto e que não ouve as ideias das comunidades. Devemos ter cuidado.

Renê – Sobre a conjuntura geral acho que foi muito colocado o dilema que nós temos e que nem com o governo progressista as coisas mudaram fundamentalmente. Quando discutimos o PRODETUR vimos exatamente o que vimos hoje no Plano Nacional de Turismo. A infraestrutura não contempla os pequenos. Como influenciar investimentos de infraestrutura e a que nível? Este é um dilema. No Ceará temos 100 pontos pesqueiros, onde em 90 já não tem mais luta para o território. Os que lutam estão aqui. Primeira coisa é conseguir segurança jurídica para desenvolver no território. Um desafio é a luta para continuar, para garantir quem já tem, a reserva extrativista como da Prainha e Batoque. E um segundo desafio é como podemos apoiar o desenvolvimento do turismo comunitário. Investir na Rede para garantir os empreendimentos. Vamos pensar nisso para esses dois dias e ver quais alternativas priorizar.

Rogéria (Terramar) – Importante falar sobre a privatização das águas pelo turismo. Em um resort em Aquiraz o acordo é de utilizar livremente a água do rio Catu. Gerou sério problema, três anos de seca profunda e com secamento de todos os poços profundos. Não tinha poço artesiano mais, pois não tinha o rio Catu pra abastecer. O Resort retirava 80mil metros cubicos de água enquanto a Cagece tirava 20 mil. Como um único empreendimento coloca em risco a soberania de um território inteiro? E isso é recorrente nos investimentos

na Zona Costeira. É um absurdo como se prioriza um empreendimento e sacrifica vários grupos, tudo para enriquecer um único empresário. E quando achamos que um emprego vale a pena é importante ver como que vai fazer depois para viver com o prejuízo que é deixado. Acabou a ideia daquela história do impacto local. Os impactos são regionais. Afeta todo um ciclo de vida. Não tem como achar que se assume um emprego temporário e que depois volta tudo ao normal. É importante pensar além, estamos em 5 anos de seca e a retirada de água pelos grandes empreendimentos está muito acima da capacidade de reposição da natureza. Isso ameaça a vida na zona costeira provocando processos de salinização da água, dentre outras interferências na dinâmica costeira que obriga as populações a se retirarem do seu território. As empresas fazem isso pela ideia da exploração à exaustão. Num processo de exploração e enganação e com as mesmas estratégias que causam degradação e desigualdade ambiental.

Aparecida (Caiçara)– Importante procurar saber quem são os gestores e nossos secretários de turismo. E o quanto é importante conhecer os planos locais de turismo e a política de turismo no país. A maioria das prefeituras passa muito tempo organizando os eventos e esta relação está ligada ao superfaturamento e a estratégias de concentração de riquezas. Fica a reflexão para que estejamos mais presentes e consigamos estar atentos ao que está planejado para disputarmos os espaços e projetos. No leste tem assim como no oeste o projeto que é denominado Rota das Falésias.

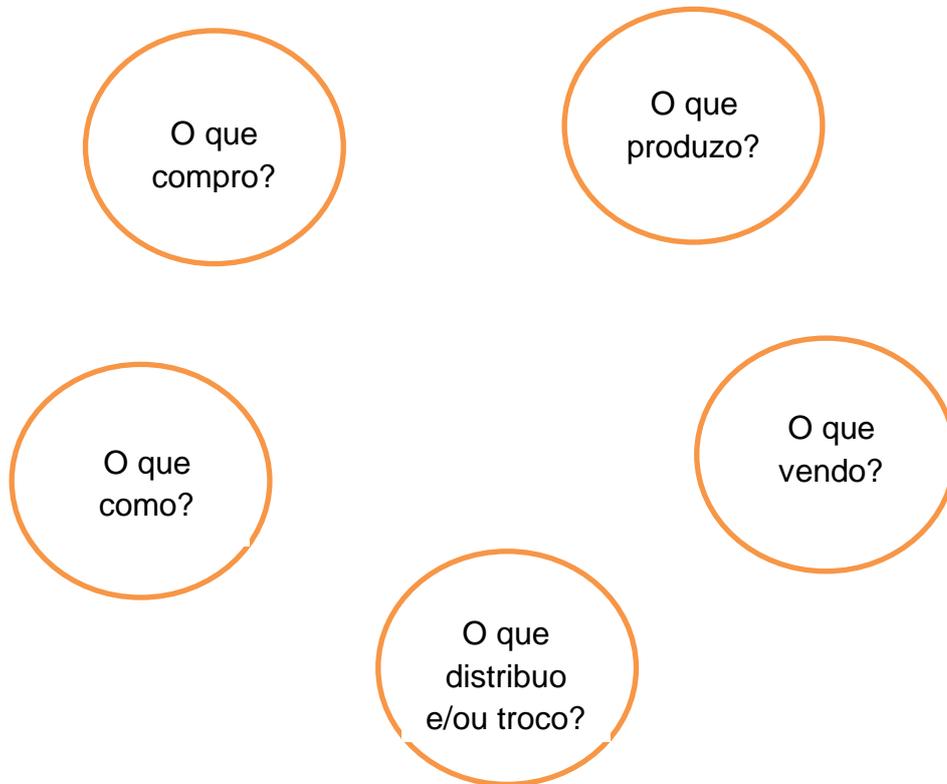
Sula (Terramar) – Que fontes de informações buscar? Ministério do Turismo é fonte oficial, mas não pode ser a única fonte. Interessante buscar inscrições em sites de associações em eventos e profissionais da área. O Ministério de turismo abriu linha de financiamento por meio do BNDES e ITAU para apoio a empreendedores de turismo para médio e macroempreendimentos. Não foi aberta uma linha de financiamentos específico para os pequenos empreendimentos. É interessante ver as linhas de financiamento e avaliar como esse processo está relacionado ao grande empresariado do turismo. Rotas de turismo criando roteiros e regiões por municípios afins. Isso significa que as secretarias podem solicitar do ministério a inserção no mapeamento do turismo no Brasil. Talvez possa ser um instrumento para o turismo comunitário, de visibilizar, de aparecer para o Ministério. E ainda, tem um calendário de eventos no site do ministério.

Tarde: Economia Solidária e Rede Tucum ; Situação dos Grupos de Turismo

MOMENTO 01 - Debate sobre Economia Solidária e práticas cotidianas e modos de vida tradicionais na Zona Costeira do Ceará

- Estratégia de diálogo: Distribuição de cartazes pelo chão em círculo com perguntas, todos circulam para respondê-las.

Cotidiano nas comunidades



- Rogéria (Terramar): Esse exercício teve como objetivo fazera gente pensar um pouco nossa trajetória de vida, do que a gente aprendeu com o tempo, com a vida. Com essa sociedade do consumo, com a mídia, que nos induz, por exemplo, a não cultivar mais Aqui vimos que é produzido coco, farinha, castanha que inclusive comemos bastante castanha hoje produzida aqui em Tatajuba,etc Tem serviços ligados ao turismo e outros serviços. Enfim, tudo isso é para iniciarmos um diálogo no qual reportamos a 50, 60 anos atrás,momento em que o mercado estrangeiro demandava mais alimentos e o Brasil como território com potencial de produção alto, intensificou da produção de alimentos pautado no monocultivo e produção em larga escala. Esse modelo vai na contramão da relação que é vivenciado pela comunidades, de viver da terra, de viver do rio, do mar, da cultura e ancestralidade, de produzir para viver. E aí vem a imposição de que se tem que produzir em larga escala para os patrões, que chegam aqueles que se dizem donos das terras, e vem com a ideia das fazendas e de as pessoas do local são moradores e que devem produzir para eles. E essa produção era restrita, poucos tipos de cultivo, cana de açúcar e algodão. E toda a produção era para fora. E ainda era

proibido produzir variedades para si, para o consumo e vida, tudo tinha que ser de acordo com o que ditava o patrão. Alguns de vocês viveram isso de perto, em Sabiaguaba, Maceió e muitas outras comunidades vivenciaram ou vivenciam isso de diferentes formas. E existia uma variedade de cultivo, em Sabiaguaba e Maceió existia uns 06 tipos de arroz, e ainda variedade de milho, feijão, etc. Tipos que não vemos mais na zona costeira. Você tinha que plantar o que o patrão mandava e pagar a meia – era um período de escravidão, impossível se livrar do patrão. De 15 anos para cá, há outro movimento: a retomada dos territórios por povos negros, indígenas e da zona costeira. O movimento começa a pensar para além: não quero só o território, quero também meu modo de vida – pesca, agricultura, mariscagem etc. Essa forma de se relacionar com o território não é nova, mas as pessoas foram obrigadas a esquecer-las pelo que o capital mandava para as populações tradicionais.

E então, entramos na questão da economia. O que é esse modo de vida no território? O que e como a gente tem produzido nesse território? Aí olhando para o que foi trazido podemos ver que o escambo, a troca é algo muito presente nas comunidades da zona costeira. E é característico de uma forma diferenciada de economia. E o que deu essa característica não foi algo de fora e sim a trajetória de vida das comunidades, as necessidades que se apresentavam e as soluções que se criavam no dia-a-dia. A necessidade é a mãe da criatividade. Tem ainda a prática da coleta de frutos silvestres, murici, Guabiraba, ubaia, de uma variedade de plantas para uso medicinal. Isso tudo faz parte da economia local que tem muito da relação ancestral. E de como esse território é fundamental para o viver, sem precisar tirar mais do que o necessário. A relação da vida acontecia com o que estava ao redor, ao alcance, no ecossistema. Eu preciso desse território só para sobreviver, eu não preciso mais do que isso. O que sobrar, se for um pouco, eu posso ver a forma de negociar se eu quiser, ou trocar, ou fazer o que eu quiser. Isso remete à consciência que temos dessas formas de se relacionar com o território. Isso é economia solidária e economia ecológica: o que se troca, produz, tem no quintal e no seu modo de ser. Economia solidária não pode ser solitária: tem que ser coletiva, dinâmica, diversa. A própria economia de mercado vê na diversidade uma estratégia para a sobrevivência. Isso é uma coisa que o mercado grande aprendeu com os pequenos. As populações tradicionais não morreram devido a essas práticas. E que esse modo de vida tem elementos da Economia Solidária, que tem elementos da Economia Ecológica. A própria Rede Tucum como modo de ser, de trazer as pessoas, de uma visão de mundo integrada a natureza, de respeito ao outro, da coletividade é uma experiência pautada numa economia diferenciada da economia de mercado. Marli e Messias, que estão aqui, vive isso e podem trazer muitas experiências quanto a sua trajetória com a Rede Bodega.

E tem ainda a importância na diversificação da produção, e das formas de produzir para fortalecimento da estratégia. A Rede Tucum pode considerar as diversas possibilidades de dinamizar a economia local para além dos serviços quando se pensa na cadeia produtiva do território a Rede Tucum pode fortalecer diversos setores, numa perspectiva da coletividade olhando para o conjunto da cultura, da produção, cultivo e dos serviços locais. Essa é uma essência a ser considerada para as estratégias da Rede, por exemplo, a de

viver a diversidade, do conjunto de coisas que enriquecem essa cultura, esse modo de vida.

Ligia (Terramar) – Como se configura essa relação da economia com a nossa vida. É importante refletir sobre a lógica da economia convencional que é procura dominar todas as lógicas de economia, dominar os povos e comunidades e que para tanto faz do uso do poder e de violência também. Esse é um caminho para que através do domínio essa economia convencional se coloca como hegemônica e que subjuga e nega as outras formas de fazer economia. A prioridade na economia de mercado é a acumulação de dinheiro, de bens materiais, da propriedade privada, de exploração de tudo, na mercadorização de tudo e que produz desigualdade e degradação ambiental. Esse exercício vivenciado a nos mostra que as comunidades vivem seus cotidianos tendo uma lógica diferenciada como base, que tras elementos da ancestralidade, que tem uma relação integrada com a natureza, que tem uma visão de mundo que vai para além da dimensão financeira, que não está pautada no dinheiro como prioridade. Na pergunta sobre o que distribuo e troco foram mencionadas coisas não materiais. Isso é interessante pois, a forma de se relacionar com as coisas em si vem nessa perspectiva, de não material mas carregada de significados, de história, de saberes, de lembranças, de memória, de causos, do que tá no meu dia-a-dia e que a vezes a gente naturaliza e não percebe. E ainda, a dimensão da troca tem se mostrado como prioritária nas práticas cotidianas, trocar, dar, consumir o que é produzido vem antes da perspectiva da venda. Quando há sobra aí que segue para a venda. Então essa perspectiva mostra uma outra concepção. E o que produzi eu deixei de comprar, então já aponta para uma autonomia, de obter o que necessito a partir do que produzo. E segue aí a visibilização de outros princípios como o da solidariedade, da ajuda mútua, cooperação, do fazer coletivo, da relação integrada com a natureza Não significa que a lógica de mercado não esteja em nossa vida pois, estamos inseridas nela e no cotidiano necessitamos de dinheiro em se tratando de uma lógica hegemônica. Vimos que essa economia de mercado, do capital se sustenta por meio da degradação e da produção de desigualdades, e portanto, ameaça a existência da humanidade. Por outro lado, o modo de vida das comunidades tradicionais mostra que existem outros caminhos para a existência da humanidade no planeta e que não é pela via do mercado e da exploração. E esse modo de vida se constitui em resistência e elemento de enfrentamento A existência da Rede Tucum está relacionada a resistência das comunidades tradicionais e se constitui em estratégia de garantia e defesa do território e que suas bases estão nessa concepção de mundo diferenciada. E é o que possibilita que, por exemplo, apesar de na zona costeira as comunidades serem afetadas pelas crises econômica, política, e estrutural, ainda resistirem com suas formas de viver e garantirem sua existência. O que significa isso? Que quando chega essa crise não me afeta e imobiliza totalmente porque não sou totalmente dependente dessa lógica de mercado. Tenho diversidade, produzo, tenho autonomia.

Quando a gente pensa a base alimentar numa logica de mercado, ela é bem restrita. Tem 10 produtos mais consumidos no mundo. Nas comunidades, essa quantidade de produtos é muito maior. Existe uma possibilidade concreta de existência, superação e saída dessa lógica. Isso se constitui de fato em

enfrentamento. A economia convencional não é suficiente para garantir a sobrevivência do ser humano na terra. As outras formas podem nos dar pistas de estratégias mais amplas que podem ser fortalecidas. O ser humano não nasceu para ser competitivo nem essa é a sua única possibilidade. As comunidades provam isso. Na economia solidária, os princípios são muito diferentes dos da economia convencional, em especial a construção dos espaços com justiça social, ambiental e política. A economia solidária se coloca como uma lógica para o enfrentamento dessa economia convencional, mas ainda se constitui numa disputa para poder ter uma construção de renda para a vida das pessoas dentro de uma perspectiva também do dinheiro. Como, com essa outra perspectiva, disputamos espaço na outra economia?

A economia ecológica vem na perspectiva de que a economia do dinheiro não vai garantir nossa sobrevivência a longo prazo. Os impactos revelam que a gente não tem muito tempo no planeta nesse rumo. Nas comunidades, as pessoas tem uma relação conectada com a natureza e a prioridade não é o dinheiro.

Essa outra lógica que é apresentada nas comunidades revela autonomia e uma relação de solidariedade não só entre as pessoas, mas entre tudo o que existe no planeta. Existem elementos que dão base inclusive para a existência da Rede Tucum. O turismo comunitário consegue existir porque existe território e uma estratégia de luta e resistência para esse território. Os circuitos estão conectados e se retroalimentam. Assim, conseguimos pensar nas gerações futuras e na sobrevivência do ser humano no planeta. Aqui, se fala em esperança.

Qual o motivo deste debate? Nós temos desafios e estratégias para construir diante dessa conjuntura e da trajetória da Rede Tucum. A Rede Tucum se fortalece e se alimenta dentro dos princípios que são base de uma outra forma de fazer economia. A Rede Tucum pode acumular mais e trazer mais esses princípios e essas questões para suas estratégias de atuação para inclusive dialogar nos processos de garantia e defesa do território diante das grandes ameaças que a zona costeira enfrenta e a ideia de que lá não há pessoas ou produção. E então, qual o futuro da Rede Tucum? Como os Grupos de Turismo estão organizados dentro desta Rede? Como a Rede se estrutura e se organiza pensando nessa base de princípios? Qual a base estratégica da Rede Tucum?

Sob a ótica da economia solidária/ecológica, as comunidades produzem muito e tem grandes desafios a serem enfrentados frente aos grandes empreendimentos. Nos intercâmbios, a gente vê o quanto a minoria que faz outra economia não é tão minoria assim como é difundida. O capitalismo não é o único sistema para o ser humano sobreviver, embora ele tente fazer com que as pessoas acreditem nisso.

- Odete (Batoque): No Batoque tem plantações de 3 em 3 meses: batata doce, milho, feijão, jerimum, melancia e ainda tem feijão. Um cara perguntou quanto era o feijão e ela disse que não estava comprando, estava plantando no quintal. Nas nossas comunidades tem isso, mas a gente tem que ensinar

nossos filhos a fazerem essas coisas. Tem que ter o estudo, mas tem que plantar um pouco, senão o que vai acontecer com o planeta? Agora as frutas e grãos estão ficando difíceis. O que se tira, é vendido por muito pouco na capital. No Batoque, passa fome quem quer porque dá de tudo; tem o mar, água doce, rio. Eu sei que a gente tem que ganhar, mas mais cara é a nossa mão de obra. As pessoas ganham muito em cima do trabalho deles. Esse negocio de trocar ainda existe muito. É difícil quem não faça isso.

- Ivan (Tatajuba): não dá para ser o turismo comunitário sem ser turismo solidário. A gente não pode pensar só em si, tem que pensar nas outras comunidades da Rede. Todas as comunidades têm todas essas riquezas naturais. O turismo comunitário também vende produtos das comunidades. Antigamente, as mulheres faziam grude e tapioca e levavam para a praia para trocar pelo peixe do pescador. Além da pescaria, temos a agricultura. Todos são produtos de qualidade feitos por nós, sem uso de agrotóxicos. O turismo também traz a diversidade de atividades na família, fazendo serviços e usando produtos. O Turismo Comunitário é ligado ao meio ambiente e defende a natureza em todos os pontos e a gente prova isso nas lutas das comunidades. A vivência das pessoas das comunidades tradicionais também tem qualidade. Em Tatajuba trabalhamos também o voluntariado, trabalhamos para as nossas instituições. Para se fazer turismo comunitário temos que pensar isso. Não podemos perder esse foco de ser solidários como outras comunidades. Já o turismo convencional é diferente: é capitalista, individualista e destrutivo. O turismo de massa é competitivo e explorador, destrói a natureza, gera ganância de dinheiro e as vezes morte das pessoas que lutam em defesa da vida.

- Marli (PCV): Partindo da vivência, trago a nossa organização enquanto economia solidária. A gente tentou se organizar nacional e estadualmente. De forma mais nacional, a gente vê os empreendimentos econômicos e solidários, temos os empreendimentos, associações, cooperativismo, empresas autogestionárias e outros. Temos também o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, que tem os Fóruns Estaduais e as Redes de Economia Solidária. Temos também as instâncias governamentais onde a gente busca apoio em nível federal, estadual e nacional. A SENAIS foi fechada, estava dentro do Ministério de Trabalho e Emprego. Temos também as entidades de apoio, como Caritas, Pastorais, universidades incubadoras, movimentos sindicais e ligas de uniões. No estado, temos a Rede Cearense de Socioeconomia Solidária, que faz trabalhos a nível de território: Aracati, Beberibe, Vale do Jaguaribe. Aí surgiram as Bodegas, com o trabalho da Cáritas. Hoje, são 5 e a gente se fortaleceu e se juntou enquanto Rede, que é a Rede Bodega.

- Rogéria (Terramar): para a gente, a Odete é uma das grandes lideranças da zona costeira. E ver falando com amor do amor pela terra e do modo de ser emocionada a gente. Uma época fizemos um levantamento socioeconômico no Batoque para a construção da resex e estava lembrando como foi curioso ouvir as pessoas falando do que produziam e não reconheciam que suas produções faziam parte da economia e o que era mencionado de lucro era só o que entrava como dinheiro. A gente acaba deixando passar o que produz no dia a dia. Não é um valor monetário porque não entra na conta do fim do mês, mas garante a nossa soberania e segurança alimentares. O que a gente produz é o

que se produz com maior qualidade. A alimentação dos territórios é o que garante que a gente possa ter uma vida saudável e plena. A importância do que eu como: não o valor monetário, mas o valor cultural, do sentido da vida.

- Josael (Instituto Ambiental Viramundo): interessante mencionar que outros saberes são gerados na universidade e a produção do conhecimento pode ser significativa e transformadora da realidade. Economia solidária e Economia Ecológica são vivências reais e antigas, mas a produção de conhecimento sobre essas coisas é recente na academia. Em termos de contexto histórico: no século XIX, alguns trabalhadores de uma fábrica na Inglaterra resolveram formar uma cooperativa devido a dificuldade que estavam tendo para sobreviver – a empresa tinha o domínio sobre tudo. Essa ideia se propagou e tem várias formas de produção dessa economia solidária, desde articulações de bairros até nacionais e internacionais. A economia ecológica traz a concepção que a economia convencional só conseguia entender a produção num ciclo fechado. Já a economia ecológica entende que a produção está em um território e ligada a um ecossistema. Por isso, ela aponta a necessidade de ter uma produção pautada no respeito, integração e sustentabilidade e não do crescimento ilimitado da produção da riqueza. Em termos maiores, as ideias do bem viver dos países andinos se assemelha a discussão de economia ecológica e solidária e turismo comunitário. O turismo comunitário se encaixa muito bem nessa visão - a prática e a vivência demonstram isso. É necessário rejeitar essa produção insustentável do capitalismo que destrói a natureza e os seres vivos.

- Valyres (Caetanos): uma das grandes coisas que criamos foi a Rede Tucum. Ela é um complemento no geral, faz movimento e junta todo mundo que produz tudo tendo realmente uma grande rede que tem uma produção de qualidade. Mandioca por exemplo tem mais de 10 derivados. Na pesca, quando você pega um camurupim, só não vende a escama. Isso tudo só em um item da agricultura e um item da pesca. E quando você passa nas comunidades, você vê a riqueza que tem nas comunidades, o tempo de conversar e receber as pessoas. Isso não se consegue fazer no turismo de massa. Lá em casa, as pessoas chegam clientes e saem amigos. Hoje, na maioria das casas, chegamos a produzir 70% a 80% do que comemos e servimos no turismo comunitário. Fazer turismo comunitário é uma coisa prazerosa pra gente. Hoje algumas pessoas da rede estão colocando o capital na frente das coisas e isso é muito perigoso pra Rede Tucum. Esse é um dos únicos espaços de garantia real que engloba todas as pessoas, seus modos de vida e suas produções. Espero que não transformemos o turismo comunitário em outro turismo. Não estamos aqui pra disputar clientes, somos uma grande parceria e só vamos continuar assim se formos solidários.

- Sula (Terramar): e se acontecer de colocar o capital a frente, quais os rumos da Rede Tucum? Basta ver os exemplos do turismo convencional no Ceará. Em Fortaleza, até os anos 1970, a Beira Mar era formada por comunidades pesqueiras e população pobre. Isso começa a mudar nos anos 1970-80, com a ideia que o mar é o local de cura, descanso e lazer. Vira um local de veraneio para as elites. Começa uma valorização monetária desse território e chegam as redes de grandes hotéis. E as pessoas foram para os cantos. Nos anos 1990,

começa a se vender a imagem do pescador e da jangada, mesmo sem essas pessoas serem mais donas do território. Hoje já rolam outro projeto queda prioridade aos passeios de escuna e que as pessoas parem de pescar. Não é preciso pensar no que vai acontecer porque já acontece.

- Messias (Coqueirinho): temos que saber como tratar a questão do capital e do dinheiro. A economia solidária começou a me ensinar isso. Primeiro me ensinou que sou agricultor e capaz de cultivar a minha matéria prima. Sempre quem fazia o beneficiamento era o patrão. Hoje sei também beneficiar, melhorar e vender direto para o consumidor, com preço justo. E isso passa para o vizinho, porque a gente se ajuda. Recentemente recebemos um grupo para 5 dias e fizemos o cardápio com produtos de diversas casas do assentamento e pagamos o preço justo a todo mundo. As vezes as pessoas não querem dinheiro, querem outros produtos. Economia solidária também é isso. Como a economia solidária ganha espaço? A gente tem produto, mas tem que ter um meio de centralizar esse produto, ter peso de produção, comprar insumos mais baratos. A gente tem que conhecer todo o ciclo de produção. A primeira coisa que a economia solidária fez com a gente foi tirar o atravessador. A gente pega produtos uns dos outros, faz as coisas e todo mundo ganha. A gente também não faz o dever de casa, tem que anotar as coisas pra saber calcular até o preço do bolo e alcançar o preço justo. A sistematização dos dados ainda é uma dificuldade. Hoje temos o queijo e a faca na mão para ter uma rede bem estruturada.

- Antônio Ana (Maceió): queria lembrar que nos anos 1990 a grande discussão era que a agricultura era falida e não tinha preço e hoje comer feijão é ostentar. Nosso desafio é dizer pra juventude que o campo dá. A culpa disso também é nossa. A agricultura está virada ouro e o desafio agora é defender o território que a terra é o grande ouro. A gente tem que ver as coisas como elas são, tem que defender o mar. Temos que valorizar o território, a agricultura, a pesca artesanal e o turismo comunitário. A gente não pode deixar que sobre o que é nosso venham outros querer ser o pai: a agroecologia é nossa. Outro desafio é divulgar o que fazemos, nossa produção.

- Carlos (Vila dos Poetas): não tem uma cultura e legado em relação a agricultura, já até tivemos ajuda do pessoal do Coqueirinho. Somos poetas, artesãos, músicos. Nós experimentamos viver solidariamente. Temos nossa cozinha comunitária, não temos cozinhas individuais. Antigamente a gente se reunia pra fazer a comida, mas agora cada um assume a cozinha um dia da semana. A cozinha é um elo de ligação entre todos os membros da vila. Isso enriquece a solidariedade, estamos juntos, reunidos, trocando ideias e enriquecendo juntos.

- Ivan (Tatajuba): é possível sim trabalhar o turismo comunitário. Em algumas comunidades já tem estruturas boas, tem outras bem avançadas, e a gente não perdeu o foco do turismo comunitário. Temos a referência da PCV tanto na luta da terra como no turismo e essa experiência foi importante. Não tem como a gente ir pro capital. Essas comunidades que tem uma experiência mais avançada como PCV e ponta grossa é que devem permanecer comunitárias e inspirando outras experiências. Turismo convencional gera até morte, agrava

os conflitos comunitários. Nós estamos sofrendo um pouco aqui com a especulação e por isso lutamos por uma resex.

- Lígia (Terramar): muitas possibilidades para pensar para a Rede Tucum. Vamos conversar sobre como andam os grupos de turismo?

INTERVALO

Equipe comunicação da Assembleia:

Comunicar Tucum: Beatriz Goes (PCV) entrevista Neném (presidente da ACOMOTA) e Antônio Ana (ACALMA – Ass. Maceió).

MOMENTO 2 - Debate sobre a situação dos Grupos de Turismo

Ana (Caetanos de Cima): Temos muitas coisas para fazer no turismo comunitário, várias demandas e é importante ver como estão as comunidades e suas atividades. De manhã, tivemos uma reflexão da conjuntura do país. Agora, vamos nos reunir em grupos e avaliar como estão os grupos nas comunidades.

Aparecida (Caiçara): Importante ver como está a situação dos GT's, pois estando os mesmos desorganizados torna o processo de articulação e atuação da Rede Tucum mais difícil e com mais desafios. Temos que ser realistas na avaliação. Não existe turismo comunitário nas comunidades se os GT's não estão organizados. Essa avaliação vai eleger as prioridades e sugerimos debater logo também os pacotes do carnaval e do réveillon. Outra coisa que queremos discutir é a questão da composição da coordenação executiva.

G1: Icapuí, Ponta Grossa, Cumbe, Coqueirinho, Vila da Volta e Cumbe

G2: PCV e Batoque

G3: Frei Humberto, Jenipapo Kanindé e Vila dos Poetas

G4: Caetanos e Maceió e

G5: Curral Velho e Tatajuba.

Discussão de 20 min.

Apresentação dos Grupos

Grupo 1 – apresentação Francisco: o GT do Coqueirinho está disperso, mas estão em outras propostas de fortalecimento do GT e em processo de eleição de nova gestão na associação; GT de Ponta Grossa está atuante e no

momento, implantando mais uma pousada; GT da Volta, há o desafio da saída dos jovens que estão indo trabalhar na cidade, mas que ainda assim, continuam atuando na comunidade; GT do Cumbe será composto pela diretoria da associação. Como sugestão para a coordenação executiva, Ponta Grossa se apresenta com Ágabo como representante. Em relação aos pacotes, apenas Ponta Grossa pensou a elaboração.

Grupo 2 – apresentação René: GT Batoque não tem uma coordenação funcionando porque a pousada está fechada e não está na gestão do GT, que está com a associação de moradores e a presidente não repassa as chaves. A pousada ficou particular sob responsabilidade direta da presidente. Vão organizar uma retomada. Por enquanto, tem as casas de pescadores que alugam e querem inserir essa estratégia na Rede Tucum. São problemas internos que a Rede Tucum deve debater. A comunicação funciona e no Batoque podem se comunicar com Odete. Não tem pacote para réveillon e carnaval, podem fazer, mas precisam de ajuda. GT PCV tem um conselho de turismo comunitário, que é o GT da Prainha, e tem um grupo gestor porque o conselho é bastante grande e o grupo gestor tem mais agilidade, composto por uma pessoa de cada categoria de serviço. A comunicação é com Lindomar e René e estão avaliando e replanejando desde 2015 e que esperam finalizar esse ano ou no começo de 2017 para identificar os pontos fracos e o que podem melhorar no conselho e no turismo. Têm notado o último ano foi muito ruim, o turismo diminuiu, em parte devido a conjuntura econômica, e também grupos e universidades não conseguiram ônibus pra viajar. Como se adaptar a essa situação nova? René entrou na coordenação executiva, mas apresenta a com intenção de não continuar. Em princípio não teria hoje um candidato da Prainha pra coordenação executiva.

Grupo 3 – apresentação Lúcio: O GT de Jenipapo Kanindé está se reestruturando; estão com equipe nova e estrutura de 4 suítes e acampamento; não entraram em debates sobre os pacotes. Vila dos Poetas não tem GT, são uma coordenação coletiva, recebem grupos de até 30 pessoas mantendo as condições da comunidade, tem cozinha vegetariana e pacotes de diárias com café. GT de Frei Humberto tem estrutura de 5 quartos com hospedagem pra Rede Tucum. A equipe de comunicação é Clarice e Vera; não discutiram pacotes de fim de ano e carnaval nem decidiram sobre coordenação executiva.

Grupo 4 – apresentação Valdenir: O GT no Maceió tem grande dificuldade porque o debate era ser no acampamento, mas nem todo mundo do acampamento abraça a Rede, isto é, apoia, mas não quer se inserir nos serviços; estão com dificuldade; vieram com a missão de realmente organizar o GT e fazer acontecer com as famílias que de fato querem participar do grupo; sobre os pacotes, não tem ainda; de início tem um email do GT, telefone e estão dando encaminhamentos a alguns elementos de logística, mas a organização interna precisa ser discutida. Em Caetanos, o GT funciona bem; tem problemas internos, mas é questão de sentar e conversar; discutem pra socializar as ideias e definir metas, a coordenação está boa, comunicação e serviços favoráveis; os pacotes já foram elaborados e são sempre debatidos. Comunicação sempre foi um problema, mas hoje não tem como não comunicar, tem equipamentos, o remédio para resolver é fazer as ações. Agora

o acesso está um pouco mais difícil porque tem um morro na estrada. Pra fim de ano, já foram vendidos pacotes para dois pontos de hospedagem.

Grupo 5 – apresentação Tita: reuniram só Tatajuba porque o pessoal de Curral Velho não apareceu de tarde. O GT de Tatajuba é formado pela coordenação e pessoas que fazem parte dos serviços; fazem parte pessoas de 3 vilas e é o grupo mais consolidado depois da Acomota; tem 4 chalés com capacidade pra 28 pessoas e uma parceria com mais um chalé para 12 pessoas; tem vários serviços e passeios; consideram que o GT está em ascensão; precisa melhorar: tem recebido poucos visitantes, alguns problemas são crônicos e outros mais recentes; precisa melhorar a divulgação interna e externa, já estão organizando materiais e buscando parcerias em outras regiões como Ibiapaba, Sobral e Camocim. Precisa melhorar os acessos. A comunicação é considerada razoável internamente. Precisam de capacitações de marketing e comunicação, ver as estratégias e técnicas, capacitação em gestão financeira. Precisam pautar e investir nos projetos produtivos nas comunidades da Rede, porque sem autonomia alimentar e financeira as comunidades não estarão bem organizadas. Amanhã pretendem organizar o pacote. Achem que alguém deveria fazer parte da colegiada e não da executiva. Sugerem que Curral Velho discuta estratégias. Propõem visitas aos GT's para saber como estão os grupos e ver se precisam de intervenções da Rede.

Aparecida (Caiçara): como é importante socializar a situação das comunidades e conhecer os desafios e qual é o trabalho da coordenação executiva de estar junto. É preciso fortalecer a coordenação executiva. René apresentou a decisão de não pretender continuar na coordenação. Agora, é necessário escolher duas pessoas para a coordenação.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia): tradicionalmente tem uma coordenação composta por um representante de cada grupo que é a colegiada e daí se tira a executiva. Sugestão: se confirma quem são os coordenadores das comunidades e amanhã compõem a partir desses a coordenação executiva.

Aparecida (Caiçara): já tem as definições do Leste e quanto ao Oeste faltam só algumas. Será retomada a discussão no dia seguinte pela manhã.

Dia 09/11/2016



Manhã: Socialização de experiências: Pesquisa desenvolvida por Edilaine Moraes da UFRJ e visita à acolhida da Colônia realizada por Rosa Martins

MOMENTO 1: Apresentação da pesquisa de Edilaine Moraes da UFRJ.

Edilaine (UFRJ): A pesquisa de doutorado está em andamento e é vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social a Universidade Federal do Rio de Janeiro. É intitulada: “**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA AMÉRICA LATINA: UMA ESTRATÉGIA EM REDE?**”. A perspectiva da pesquisa está relacionada a concepção de que a universidade precisa cumprir seu papel social e que a dimensão do saber popular precisa ser considerado e que tem conexão com o processo de construção do saber acadêmico, e este deve verquais as reais demandas da sociedade para melhoria da qualidade de vida. É dever do/a pesquisador/a trazer os dados, dialogar e retornar as informações junto às comunidades analisadas. E sugere que a Rede Tucum tenha como prática demandar o retorno das pesquisas realizadas sobre o Turismo de Base Comunitária que envolvam as comunidades da Rede e a própria Rede. Agradece ainda o apoio institucional do Terramar e a acolhida da Rede e suas comunidades para realização desta pesquisa.

Dados contextuais:

- ✓ A expectativa é de se ter 1,8 bilhões de turistas internacionais até 2030 e destes serem gerados 1,03 bilhões de dólares e 235 milhões de empregos diretos (OMT, 2016).
- ✓ “Brasil como uma das três maiores economias turísticas do mundo até 2022” (BRASIL, 2016).
- ✓ Em 2015, o Ceará foi o sétimo Estado que mais recebeu turistas no país, registrando 78 mil chegadas de turistas (BRASIL, 2016)

Grandes estatísticas apontam para uma prioridade para atender ao discurso do turismo convencional de larga escala, e na perspectiva da ilusória expansão do mercado do turismo com geração de trabalho e renda. Qual a importância de se entender essas estatísticas apesar de refletirem apenas dados quantitativos e não refletir a realidade cotidiana? Eles se constituem em registros nos quais os programas de políticas públicas voltadas para o turismo utilizam como referência para suas elaborações.

- O turismo gera desenvolvimento? Pra quê e pra quem? Quem ganha e quem perde? Quais as reais implicações desse desenvolvimento do Turismo? Esta pesquisa busca avaliar quais os reais efeitos e impactos de quem ganha e quem perde com esse turismo.

- Na realidade brasileira o segmento de sol e praia é o mais explorado e que são povoadas por comunidades pesqueiras. No debate de reflexão crítica sobre o turismo essas comunidades têm sido bastante estudadas como as mais atingidas. Começa a ocorrer uma sobreposição de ocupação desses territórios e o turismo vem com uma concepção de única possibilidade de geração de renda e reprodução material da vida. Essas populações pesqueiras

começam a lidar com esses conflitos, são expulsas e obrigadas a submeter-se a subemprego. Nesse sentido, é importante refletir sobre o turismo como atividade complementar, como substituição ou com mais peso sobre as atividades tradicionais. Essa reflexão sobre o turismo de forma questionadora segue a partir do olhar das comunidades atingidas. Acompanhamento na atuação em movimentos como Fórum Social Mundial, Congressos e organizações que debatem o turismo de massa e o de base comunitária e em defesa de outro tipo de turismo. A atuação em redes começa a surgir, assim, como estratégia fundamental para fortalecimento das comunidades e da prática do turismo de base comunitária.

- Como se organizam as redes? Que tipo de rede se configura nas iniciativas de TBC? Quem são os atores sociais envolvidos e que ações esses mobilizam em rede?

Vamos começar investigando a noção de rede. Rede é termo que está presente em várias áreas do conhecimento, nas relações e alianças. Nas ciências sociais concebe-se como uma nova estrutura social e de poder, sobretudo, a partir de 1950 com a revolução tecnológica com a ampliação da comercialização e comunicação mundial. E então a noção de Rede entra na linguagem do mercado e nos discursos hegemônicos. Articulam elementos humanos de relações sociais e das relações técnicas. Para alguns autores, a noção de rede é um segundo coletivo, das populações marginalizadas e a rede é estratégia chave de enfrentamento e na constituição de relações e alianças formais e informais. A relação das redes com o turismo tem duas dimensões: quando trata do turismo de massa, é muito representado, pois, eles veem rede como estratégia de ampliar a competitividade de mercado. Convencionalmente os estudos de turismo relacionado as redes tem esse enfoque competitivo. A outra é na perspectiva da Rede como estratégia para o desenvolvimento do turismo comunitário que tem outras bases e princípios.

Este estudo tem enfoque de redes de turismo comunitário voltado para a América Latina. O Brasil é o único que fala português e os outros falam o espanhol aí para o intercâmbio é importante conhecer essa língua. Equador Nicarágua e Argentina são os países que mais tem experiências de turismo comunitário. É importante compreender a origem para entender as raízes desse processo. Final da década de 80 considerando populações rurais e indígenas na região dos Andes, o turismo comunitário começou como forma de resistir a pressão do mercado, por parte de vários órgãos e políticas que vinham com grandes projetos de desenvolvimento.

São atualmente quase 300 destinos de turismo comunitários no Brasil e cerca de 500 comunidades envolvidas. A estratégia política do Turismo Comunitário segue na perspectiva da preservação dos territórios locais. O que dialoga com a realidade da REDE TUCUM como venho interpretando diante de tantas resistências e ameaças as perdas de territórios.

Há lacunas nos estudos sobre Turismo de Base Comunitária. Esses conceitos ainda são insuficientes com visão muito romancista. Na prática como isso

acontece? Não há um aprofundamento dos indicadores que compõem a estratégia

Sugere alguns documentos base que tratam do TBC: 1995 – carta para o Turismo Sustentável da Lanzarote para OMT - como alternativa ao turismo degradador; 2001 – declaração de Otavalo: que trata da identidade cultural – (REDETURS); 2002 – Programa de turismo sustentável e eliminação da pobreza – (ST-EP); 2003 – Declaração de São José sobre Turismo Comunitário – mais de trinta comunidades que criam um balizamento conceitual do que seria o T.C. (REDETRUS); 2014 – Declaração de Granada (Fórum Internacional de Turismo Sustentável e Solidário da América Latina) que contém um Diagnóstico do T.C. na América Latina; Em 2015 foi ano de ampla articulação coletiva em diferentes regiões – culminando como o II Encontro Nacional de Rede Brasileira de Turismo Solidário e comunitário; 2017 – Assembleia geral no qual a Nações Unidas designou 2017 como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento.

Então, 2017 é ano estratégico para a questão do Turismo Comunitário e que a Rede TUCUM pode aproveitar esse cenário para pensar suas estratégias.

Algumas Redes: Rede Turisol (2015): intercâmbio, incluir mais parceiros, personalidade jurídica. A REDETURS – Rede aberta formada pelas comunidades rurais e indígenas, a Rede Tucum faz parte.

No Ministério do Turismo, no Plano Nacional de Turismo, o turismo comunitário na aparece efetivamente citado apenas uma vez. É considerado como um dos segmentos turístico, mas numa visão de mercado.

A Rede tucum tem protagonismo e toma decisões a partir das comunidades, a concepção de turismo é diferenciado construído pela Rede, e no âmbito das comunidades e também em relação a rede; e atua com projetos coletivos. Esta pesquisa começou a acompanhar a Rede Tucum a partir da 7ª Assembleia e teve contato com os princípios e diretrizes da rede tucum; com a concepção de turismo comunitário como outra forma de sociedade; Resultados de Assembleias como: a formulação de que a Rede é uma articulação e não uma instituição. (Foi colocado isso na 7ª Assembleia); A rede não é uma prestadora de serviço! Mas foi demandado uma forma mais organizada de comercialização e intensificação do fluxo de visitantes. (Foi colocado na 8ª Assembleia); Maior relação entre as comunidades envolvidas na Rede Tucum! (9ª Assembleia); Realização da Escola Popular de Turismo Comunitário (e agora como que fica o papel da juventude após essa formação? Para ocupar o protagonismo dentro dessa rede?).

E com algumas questões que permanecem em aberto:

- A partir dos movimentos já constituídos quais são os fluxos que estão em constituição nesse momento? Quais são os conflitos latentes na Rede tucum? Como podem ser solucionados? Como pode ocorrer a comunicação com as redes vizinhas? (Cariri, RN, PI, como dialogar com estas redes vizinhas?)

- Momento do Cochicho: Quais os interesses em jogo como resolver e solucionar?

Debate:

Grupo 01 (apresentaram Tita e Ágabo): Existem percepções diferenciadas dentro da rede que aparentam ter interesses diferentes. Temos comunidades que arrecadam bem, mas não apresentam os registros, informações sobre o movimento, prestação de contas. Parece que falta esse sentimento de transparência e solidariedade. Como viver numa rede que não tem solidariedade? Quem ganha mais não contribui para ajudar a Rede a se fortalecer? Como pode ser resolvido ou contornado? É importante colocar aqui a situação de comunidades que estão agindo dessa forma para debater e colocar uma solução. A Rede não pode ter interesses diferentes. Falando como quem quer o bem, fraternidade e solidariedade, contra a exploração, contra ajuste fiscal e não ficar agindo parecendo como os capitalistas. Esse foi colocado como desafio da Rede neste grupo. Falhas, enquanto Rede temos muita coisa pra resolver. Problemas que precisam ser postos na mesa. O que é rede? A rede não é instituição com CNPJ e sim, são os GT's, são as comunidades. Com os GT's fortalecidos, a rede é fortalecida, com os GT's enfraquecidos a rede é enfraquecida. Então, ver quem de fato quer atuar nas comunidades para atuar na rede.

Grupo 02 – (apresentou Ivan e Messias) Quais interesses? No Seminário Internacional de Turismo houve discussão sobre turismo comunitário e naquela época a proposta era que a Rede Tucum ganhasse espaço no cenário nacional e internacional para visibilizar o turismo comunitário e articulação das comunidades. Foi reconhecido pelo Ministério do Turismo na época. Como Rede Tucum, temos nossos interesses de resistência, de luta e demarcação do território, de proteger a nossa vida local. Esse é um interesse, é nosso interesse através do turismo. O outro interesse é a questão do papel chave do turismo comunitário em 2017. O turismo convencional acabou com a vida do pescador. Vendo o exemplo de Canoa Quebrada, como acabou com a vida dos pescadores e intensa vinda de estrangeiros e exploração das mulheres. O que resiste ainda lá é a Vila dos Estevão. E acho que precisamos pensar em algo formal, em ser jurídico. Os gringos e o turismo convencional têm as mesmas estratégias de pegar recursos e fazer, pois estão na formalidade. Precisamos abrir o olho já que querem a ideia da gente, pensando no individual. Ter cuidado com a questão financeira. Trabalhamos como uma coisa que lida com dinheiro, temos que ter cuidado, pois eles querem pegar o que é nosso e pensam só na fonte de renda e a gente pensa nas outras coisas no coletivo. Há preocupação de manter as comunidades seguras e temos que pensar como contornar as questões de Curral Velho e Batoque que estão fragilizadas. **Colocar como encaminhamento.** A Rede Tucum como instituição jurídica ou pode ser? Ou será uma articulação? Devemos mastigar isso no final desse assunto.

Grupo 3 (Apresentaram Rene e Vitor) – está em jogo o desenvolvimento de turismo de base comunitária nas comunidades e considerando que a dinâmica dessas comunidades são diferentes. Fortalecer os apoios para as

comunidades, e de financiadores. As comunidades não tem capacidade de gerar os recursos para manutenção da Rede. Sempre vamos depender de quem apoia. As várias redes expostas na apresentação de Edilaine mostram uma diversidade e percebo que as redes que estão seguindo são aquelas que têm iniciativas e apoios governamentais. Independente de ser pessoa jurídica ou não. A questão é como garantir os recursos de manutenção da Rede. São questões de longo prazo para que alcancemos essa gestão favorável da Rede.

Grupo 4 (apresentou Lúcio) : É importante realizar reuniões nas comunidades para discutir o que foi trazido de debate nas assembleias da Rede Tucum para levantar as questões e superar os desafios.

Grupo 5 (apresentou Vera) : Geração de renda é importante. Além da defesa dos territórios, pois também estão em conflitos. É importante firmar os compromissos das discussões coletivas e propostas na Rede. Realizar processos de formação para o avanço e defesa do turismo comunitário. O cuidado humano de receber as pessoas visitantes, o cuidado com a acolhida de quem vem para as comunidades, sobre a gestão do turismo. A formação ajuda quanto a isso, espaço turístico, realização de trilhas, como desenvolver um bom acolhimento.

Debate:

Valyres (Caetanos de Cima) – Não podemos deixar de fazer nossa atividade tradicional pra fazer o trabalho turístico, senão não acontece o turismo comunitário. Nas comunidades a atividade do turismo é coloca a situação de que se pegar um investimento, um empréstimo, tem o risco de não ter previsão para pagar. Turismo é atividade que pode gerar hoje e amanhã não tem. A questão é de recurso. Não é todo mundo que pode pegar para pagar e investir. Tem que saber de onde vem e com cuidado nos interesses de investimento. Se estamos na contramão do outro precisamos nos alinhar. Temos que ter cuidado para não transformar o turismo comunitário em outra coisa. Então deixamos de ser quem somos para ser o que não somos. Não podemos ficar na incoerência. Se lutamos contra os empreendimentos e dentro de casa, por exemplo, defendermos o emprego em processos de grande empreendimento.

Vitor (Cumbe) – o turismo tem muita oportunidade para os jovens. Nós pra fazermos o turismo comunitário temos que se alimentar dele, precisa que a juventude se interesse para continuar no turismo comunitário e não seguir para o turismo convencional.

Tita (Tatajuba) – A apresentação de Edilaine trás muitas informações importantes, mas precisamos levar essas informações para casa, para as comunidades. Foi falado da ocupação turística em detrimento das ocupações tradicionais Atualmente quem sempre perdeu com o turismo foram as comunidades para a implantação dos grandes empreendimentos. Se não tivermos cuidado, nós que estamos em território não titulados, que através do turismo pode complicar mais as coisas. Passamos por isso em Tatajuba, temos problemas com veranistas, e sério, e é por causa do turismo. TBC eu compreendia em outra concepção. Aquele que inclusive é financiado pelo

governo e que formam os comunitários e comunitárias para trabalhar dentro. Turismo comunitário pra mim é em outra linha. Na apresentação dos autores entendo que faltou duas ou três coisas. Aqui não apareceu solidariedade, nem falou da exploração (do compromisso e responsabilidade quanto à exploração e crítica ao sistema capitalista) e nem falou na territorialização. A Rede Tucum precisa ter muito cuidado com as palavras. Quem vem é visitante ou turista? Precisamos saber o que é desenvolvimento e avaliar. Não estamos usando as palavras. Me preocupa o perfil de quem chega na comunidade, pois não é pra ser para alto poder aquisitivo. E sim receber pescador, estudante, pessoas das comunidades. Me preocupa esse perfil.

Edilaine (UFRJ) – Desafio é cada vez maior. Coloca três pontos para encerrarmos nosso momento. A questão do enfoque da comercialização de forma sobreposta ou não aos interesses de defesa de território e ancestral é um desafio. A Rede Tucum já confirmou presença no Encontro Nacional de Turismo de Base Local e é um foco na articulação. E a universidade precisa se aproximar mais das comunidades e conhecer como está acontecendo na dinâmica local das comunidades.

MOMENTO2: Socialização de Intercâmbio na Acolhida da Colônia

Como forma de dialogar Brasil e América Latina início com uma música de Zé Vicente: Pelos Caminhos da América.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia): Somos irmãos latino-americanos. Precisamos nos comunicar. Para superar o imperialismo americano precisamos fortalecer o povo latino-americano. O Turismo Comunitário não existe sozinho, isolado. Só experiências articuladas é que vão adiante. No Brasil tem 206 iniciativas como a nossa. Em 2010 tinham 300 iniciativas. E talvez agora já umas 500. Então é importante o diálogo e intercâmbio. Fomos uma amiga, eu e Maria do Céu na Acolhida da Colônia localizada na serra catarinense e que tem uma trajetória de 20 anos. Aqui trouxe o print da tela do site deles. Eles têm um espaço específico para o reserve aqui. Uma reserva online. Aprenderam que é preciso coordenar essa procura, essa presença e esse retorno. E uma forma encontrada foi a reserva online. Daqui da Rede S. Raimundo de Tatajuba já fez uma visita na Acolhida da Colônia em 2009. Lá quem participa são camponeses e são quem organiza a rede. Tem plantações, cultivos. O projeto para apoiar iniciativas do Ministério do Turismo apoiou 25 projetos e a Acolhida da Colônia foi um destes. E nós fizemos projetos integrados de intercâmbio. Foi quando S. Raimundo foi e eles vieram aqui em 2009 e estiveram na PCV. Lá em Santa Catarina cultivavam muito fumo que era muito agressivo a saúde dos trabalhadores e à terra. Começaram a abandonar o território por baixa produção e migraram para as cidades. Uma agrônoma percebeu o problema, viu a migração dos jovens e foi buscar na França uma experiência. A acolhida da colônia nasceu na França a muitos anos atrás e no Brasil foi pensado em construir uma representação desta Acolhida da Colônia em Santa Catarina. Hoje o modelo que predomina é o de que todas as famílias que fazem parte da acolhida são de produtores rurais e elas são associadas. São cinco associações que existem na serra catarinense e estas juntas formam uma confederação destas em atividades de

agroturismo. Recebem visitantes em suas casas, recebem escolas, fazem trilhas de bicicleta pela serra. Casas estruturadas e muita terra. Ficou hospedada em Aurora, na casa da dona Patrícia e dona Cristina e ela tem 88 anos, não tem quem trabalhe com elas e para manterem o espaço tem que contratar a 100 reais uma diária e demoram muito para conseguir. Dona Cristina faz geleia e assim sustentou a família ao longo da história. Ela é filha de alemães e ainda hoje faz geleia. Faz por gosto e não tem a dependência mais da venda desta geleia para seu sustento. Moram longe da cidade e são quase auto suficientes. Produzem queijo, bolo, pães, geleias, plantam trigo, tem animais e vão pouco para a cidade comprar algo. Tudo que produzem é orgânico e é uma das regras da acolhida. Compram de outras fazendas, em articulação com a produção na região.

Nosso caderno de normas é influenciado pelo caderno de normas da acolhida da Colônia. Lá é proibido o uso do produto com veneno na Rede. E vão visitar com frequência para checar se está tudo dentro do que foi acordado no caderno de normas. Tudo é produção local. Isso é a economia tão importante para agregar valor aos produtos e nos tornar independentes desses. Não usam descartáveis. Consideram que não há como ser sustentável e poluir o mundo. O preço do descartável é muito alto pra a humanidade. Uma conquista que tiveram foi a lei estadual que fomentam o agroturismo. Há 10 anos que havia disputa política para garantir esta lei que foi aprovada ano passado por meio de articulação como uma parlamentar de lá. Lá tem 50% a fundo perdido do projeto que elaboraram e é para estrutura e de assessoria técnica paga pelo governo, a EPAGRI (técnicas que acompanham as famílias no território). A acolhida da colônia ainda contrata assessoria, um pequeno grupo para administrar as contas da rede. Ela ficou de mandar para a Rosinha a experiência do projeto da Lei Estadual. Acamparam na Assembleia Legislativa e fizeram uma movimentação. Eles adotaram as estratégias de fortalecimento e de comunicação. Os 10 anos da Rede Tucum é considerado um avanço. Chegamos até aqui e ao mesmo tempo tem organizações que querem entrar na Rede Tucum. A Rede é só na zona costeira e quem sabe, se um dia será do Ceará. É um debate que a rede precisa fazer. Estou na Serra e lá tem um GT discutindo turismo comunitário com bem umas 50 pessoas e estamos no debate e precisamos fortalecer a forma de articulação. Temos parceiros em Ponta do Tubarão e estão passando por dificuldades. Estivemos em 2016 lá eu, Rene, Aparecida e Ana. As dificuldades de lá é que todo mundo acha que vai resolver tudo um passe de mágica.

O turismo comunitário não pode substituir as atividades tradicionais, mas, sim deve dialogar. O turismo comunitário é uma estratégia de resistência e não substitui a dinâmica do modo de vida no território. E pra confrontar um modelo convencional que está nos esmagando.

Debate:

Rogéria (Terramar) – Rosinha trás uma questão que precisamos dialogar, tem experiência do Cariri e de outras partes do estado que precisamos ver como dialogar, ter parceria com grupos de agricultores e agricultoras que tem produtos saudáveis. Outra forma de circular a economia é pensar em como

articular. Por exemplo, a Bodega da caritas pode ser um parceiro interessante para construir esse processo. É momento de mapear esse grande grupo que está aí e que faz turismo comunitário de outra forma, nesse pensamento e reflexo do turismo comunitário. 10 anos deu pra pensar como foi até aqui e como podemos caminhar melhor. Pensar melhor a relação com o outro, com o que se tem no território. Cada vez mais a gente vai precisar trabalhar no coletivo, sobretudo agora que temos um contexto político que nos extermina, e isso nos coloca numa situação de repensar nossos modos de viver. Ou parar agora e repensar esses processos ou não conseguiremos avançar.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – precisamos pensar no diálogo coletivo e pensar onde fazer essas articulações. Em Baturité um milheiro de banana é 80 reais e aqui três bananas pequenas é 1 real. Lá na serra estraga banana. Então o desafio é nos articularmos para potencializar oportunidades que tem nos outros territórios. Precisamos melhorar, como disse Rogéria, a comunicação com as redes vizinhas. Lá na Meruoca tem um festival de musica e tem um projeto lindo chamado semente das artes. O povo da comunidade nem praticava e criaram uma alternativa paralela que hoje supera e tem atividades lá. Escola de permacultura. Curso para lideranças comunitárias. E eles nem conhecem Tatajuba, por exemplo.

Ivan (Tatajuba)– É interessante pensar em fazer parceria com a serra grande. Em Tianguá e Viçosa. Em Baturité também. Lá tem o turismo rural. Que perfil de turismo queremos? As praias são lugares de fazer turismo, turismo regional local. As universidades são potencial, tem a UVA daqui de sobral. Quantos estudantes a fim de conhecer o turismo aqui na região?

Vera (Frei Humberto) – precisamos aprofundar nesse estudo que ainda não tá concluído, mas ver os sujeitos que prestam serviço de turismo mas não conseguem sair das comunidades e ter oportunidade de conhecer outras comunidades é interessante. Pensar em algo que possa fomentar isso e estimular esse deslocamento. E ainda, desmitificar o turismo como algo para perfil de alto poder aquisitivo e nas comunidades sermos só o trabalhador braçal.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – essa ideia se conjuga com a ideia dos roteiros temáticos. E de forma que possibilite que outros trabalhadores possam acessar os roteiros. A ideia é diferente, de diálogo e de encontros culturais, que possibilite o intercambio entre as comunidades também.

Antônio Ana (Maceió) – Precisamos ter um olhar mais crítico contribuído pela estratégia de possibilitar acesso ao turismo para um outro tipo de visitante.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – buscar esperança em algo que está se perdendo. Esperança na agricultura familiar e atividades tradicionais. Comunidades tradicionais tem muito o que trocar, intercâmbio tem muito a circular, de conhecimentos e estímulo às atividades.

Valyres (Caetanos de Cima) – No litoral tem ainda água em abundância, apesar de ameaçada. Vejo essa troca como alternativa ao turismo comunitário. São vários exemplos de ver algo que não tem valor na comunidade e na serra e no sertão. Banana sem valor na serra e sardinha sem valor no litoral. Goma em Canindé. Feijão. Enfim, tem muita coisa que pode ser trocada que é muito importante, pois existe valorização dos dois lados e isso é viável e fortalece as comunidades, já fazemos aqui com Tatajuba.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – A Rede Bodega faz isso. Articula as regiões. Feiras inter-regionais que possibilita essa troca. Isso pode ser um caminho de comercialização desses produtos. E é uma estratégia interessante.

Marli (PCV) - A Rede Bodega tem dificuldade na logística de articulação. A forma que encontramos de fazer essa rotatividade é nos encontros da Rede Bodega que faz uma “rodada de comercialização.” De onde vem os produtos de cada bodega. Cada bodega tem um recurso e faz uma rodada nesse momento pra facilitar o retorno para a bodega. Então faz a logística e vê o que cada bodega requer de cada região. Experimentamos várias formas. Temos uma estrutura e um regulamento.

Rogéria (TerraMar) – O último encontro da Rede de Economia Solidária houve o convite para participação da Rede Tucum. E há um convite para a Rede Tucum trazer produtos da Zona costeira e participar das discussões desse grande momento. É importante garantir essa aproximação.

Marli (PCV) – A Rede Tucum já tá conectada com Rede Bodega e a Rede de Economia Solidária.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Tem feiras frequente. Feiras mensais. Feiras dos Assentamentos. Comprando das comunidades estamos fortalecendo os territórios e também a segurança alimentar. Tenho saudade da farinha do Maceió, de Caetanos, pois o que chega onde moro é muito diferente, não é das comunidades.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – I Encontro Latino Americano de Turismo Comunitário na Colômbia. Na Colômbia a guerrilha armada há 50 anos para defesa do território. Povo que vivia na clandestinidade. Guerra atende aos interesses dos donos da indústria bélica como mecanismo de dominação. Começou a construir debate sobre a paz. Plebiscito a favor ou contra o final da guerra. Mas, mantiveram a continuação da guerra. Esse encontro era uma estratégia de fortalecimento do turismo comunitário inclusive entre as comunidades. Rosinha e Alberto Viana e Teresa Mendonça – para construir o encontro. Estamos trazendo a proposta do encontro para as comunidades. Não temos proposta de vagas. Garantir participação das redes, trocar experiências e ajudar esses povos a terem referências para construção do turismo comunitário. Importante fortalece a experiência. Tem garantido hospedagem e alimentação e precisamos conseguir grana para as passagens. Ver três representações para assegurar ida para est experiência. Se articular, articular

com os povos da América Latina. E dialogar os princípios da equidade, dos direitos da esperança.

Vera (Frei Humberto) – Vem momentos difíceis para a conjuntura política social dos países da América Latina é importante fortalecer e precisamos nos organizar e não nos mantermos isolados.

Tarde: Atividade em grupo para debater duas questões específicas e em seguida tem a socialização.

QUESTÃO 1. Como fortalecer os GT's?

Grupo 1 - Não há informações no relato.

Grupo 2 – participantes: vila dos poetas , Frei Humberto e Jenipapo Kanindé

- Sugere que seja feita reunião específica para fazer essa discussão e levantar as estratégias. É importante ver como assumir de fato a executiva da Rede tucum. A sugestão de nome para compor a coordenação virá na próxima rodada de grupos.

Grupo 3 – Oeste

- É importante que se realize troca de experiências também entre outras atividades. Onde a agricultura ecológica tem boa produção, onde dá sinais de autonomia? Intercâmbios mais amplos para que não seja apenas o fortalecimento do grupo de turismo, mas que seja mais ampliado. Entre a própria comunidade é importante que se reconheça como Rede. Devemos buscar autonomia como Rede. Nós somos a Rede Tucum. Às vezes vem grupos pra comunidade e agente acha que não vem pela Rede. Mas, se a Rede somos nós então todos os visitantes que vem pra comunidade, todos os serviços prestados pelo grupo de turismo devem ser considerados na conta dos 10% para a Rede. Precisa fazer trabalho de sensibilização para a organização dos GT's. Proposta mais detalhada, mais bem pensada para que dê resultado, que seja um trabalho de sensibilização, de conscientização sobre qual a importância da Rede para o litoral, para meu território, para o enfrentamento. Então deve ser pensado nesse sentido. Os grupos que estão formados precisam ter proposta de calendário de reuniões, de estratégias de planejamento que é importante que tenha. Criar um plano de ação para o ano. Fazer planejamento para ano seguinte.

Grupo 4 – Prainha e Batoque – sugere reunir os GT's pra escolher coordenador/a com prazo até 10 de março para escolha da coordenação executiva.

QUESTÃO 2. Como solucionar a questão da escolha da coordenação executiva?

Grupo 01 – extremo leste – Sugere Ágabo para compor a coordenação executiva, mas a questão é a de que Ágabo não é coordenador de GT e sugere identificar em coerência com o caderno de normas quais as opções de candidatura

Grupo 2 – Indicou o nome de Lucio em Jenipapo Kaninde que também não é coordenador mas, que provisoriamente ele poderia compor a coordenação executiva conforme o caderno de normas considerando a assembleia como soberana para decisão de casos de exceção.

Grupo 03 (oeste) – é importante que entre pessoas que façam a executiva funcionar no sentido de que está com defasagem de pessoas. Foi colocado que essa coordenação seja permanente e não provisória. E em discussão com grupo de turismo de Tatajuba foi sugerido o nome de Tita mas, tem também o fato de não ser o coordenador do GT.

Helena (Caetanos) – Acredito que não é interessante colocar uma coordenação provisória mas, é importante que se caminhe para a decisão de uma coordenação permanente. Que se decida nesta assembleia a coordenação executiva permanente.

Grupo 04 (PCV e Batoque) – propõem que Até 10 de março Renê continue na coordenação executiva e depois disso discute quem seria o representante da Rede.

Proposta que surgiram:

1. Três nomes: Ágabo, Lúcio e Tita.
2. Coordenação definitiva para o prazo de vigência de gestão ou até 10 de março eleger nova coordenação

Debate

- Aparecida (Caiçara) – como esclarecimento: A secretaria executiva atual, no caso a Caiçara, se mantém. A coordenação executiva precisa ser complementada de representantes, pois os que assumiram na assembleia anterior não estão mais. Outro esclarecimento é a de que o caderno de normas aponta que a assembleia é soberana e, portanto, não significa uma alteração no caderno e sim cumpri-lo diante das condições apontadas e demandas para seguir com a dinâmica da Rede Tucum.

- Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – qual a tarefa da coordenação? É de gestão e administração da dinâmica da Rede. A responsabilidade é para quem conhece a Rede e tem condições de deslocamento, tem que ter conhecimento sobre a Rede e sobre o turismo comunitário. E que é preciso que seja alguém que já tenha experiência. A

questão de ficar Renê até março é que teria que ser alguém que seja da Prainha do Canto Verde para o lugar do Renê.

Ágabo – Faz a indicação de que Prainha do Canto Verde é importante de compor a equipe pela trajetória e possibilidade de contribuir. Sugere o nome de Beatriz para compor a coordenação.

Beatriz – Manifesta concordância com a indicação de candidatura

Lígia (Terramar) – Precisamos fazer a contagem de quantos no total podem votar para que tenhamos uma legitimação do registro considerando o universo de votantes e do tipo de voto.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Faz a contagem de representantes que irão votar. Total 23 votantes.

VOTAÇÃO 01:

Que a composição votada nesta assembléia seja provisória ou permanente?

provisória?	0 votos
Definitiva?	23 votos

VOTAÇÃO 2:

Composição da Coordenação executiva: Ana, Aparecida, Ágabo, Beatriz e Tita

Não	0 votos
Sim	23 votos

COMPOSIÇÃO DA COORDENAÇÃO EXECUTIVA DA REDE TUCUM

Nome	Comunidade
Ana	Caetanos de Cima
Aparecida	Caiçara (Secretaria da Rede Tucum)
Ágabo	Ponta Grossa
Beatriz	Prainha do Canto Verde
Tita	Tatajuba

Dia 10/11/2016



Manhã: Socialização do Planejamento Estratégico realizado em Curral Velho; Socialização do I Encontro de Comunicadores da Rede Tucum

Mística – Ciranda

Apresentação da programação do dia e construção da noite coletiva e agendamento para retorno do ônibus: Saída 7:00.

Aparecida (Caiçara) – Tivemos momento no planejamento estratégico nos dias 16 e 17 de setembro de 2016 em Curral Velho. Esse planejamento foi rico contou com a participação dos coordenadores de GT's, não estavam presentes todos os coordenadores, mas, tiveram presentes muitas comunidades da Rede. As deliberações foram importantes. Eu e Tita vamos fazer agora esta socialização. Após a socialização faremos trabalho de grupo para que possamos todos contribuir na definição dessas prioridades.

Tita (Tatajuba) – No Planejamento estratégico tivemos discussões detalhadas sobre a sustentabilidade da rede e a importância da economia solidária dentro da rede. Tivemos questões de estratégia e fortalecimento da comunicação e antes da assembleia já aconteceu a formação em comunicação da Rede Tucum. Aqui teremos como ampliar a participação e discutir questões de prioridades. Discutimos lá questões de planejamento, não deliberativo, mas, de possibilitar encaminhamentos, ver as estratégias que devem fortalecer a rede. Precisamos discutir que esse fortalecimento precisa ser planejado, discutido e aplicado. Foi discutido estrutura de gestão da rede, pensado a preparação da rede e como foi marcado e executado aqui. Potencialidades da rede. Quais os entraves dentro da rede. Que inclusive algumas questões foram trazidas ontem.

Aparecida (Caiçara) – um dos encaminhamentos de lá foi cumprido foi a de criar um núcleo de comunicação. Contribuição para que a Rede seja mais divulgada e superar os desafios da comunicação, das dificuldades de retorno tanto da comunicação externa e interna. E quanto a comunicação interna percebo que o desafio é muito grande. Teve o projeto com o Terramar com instalação de telefone o que melhora o acesso a comunicação. Vamos circular ao redor desta rede no centro e observar as tarjetas que contem a identificação dos encaminhamentos apontados durante o planejamento estratégico.

Todos circulam pelas tarjetas observando os encaminhamentos apontados no Planejamento Estratégico. Em seguida Aparecida pede para Beatriz socializar I Encontro de Comunicadores.

Beatriz (PCV) – nos dias 18 e 19 de outubro de 2016 aconteceu o Encontro de Comunicadores da Rede e discutimos como estava a comunicação da rede interna e externa. Propusemos melhoria na parte da visibilidade na internet, pois se trata de um mecanismo muito procurado. Surgiu a ideia de fazer um canal no you tube e criação do canal tucum, a circulação da radio itinerante e divulgar a rede tucum nas rádios e criar um instagram para movimentar a Rede que já está funcionando com mais de 2000 pessoas acompanhando. De Tatajuba já postaram pacotes completos para divulgação no instagram e já o

pacote de réveillon. Quero chamar Gilmara, Helena, Lucio, Rosinha (Maceió), Vitor, Gil, Aparecida, Vera que participaram do Encontro para contribuir nesta socialização.

Vitor (Cumbe) – Importante o Encontro para discutir comunicação e divulgação das comunidades. Ficou com a parte de criar o canal do youtube e assim que retornar o mesmo será feito.

Aparecida (Caiçara) – Ficou na equipe de acompanhar o site, e dialogar com a empresa responsável pela criação

Vera (Frei Humberto) – O Frei Humberto acolheu o evento e dialogamos e nos somamos aos encaminhamentos na divulgação e na consideração da importância da comunicação e na criação, pensando novas propostas para que os companheiros conheçam as experiências da Rede Tucum.

Beatriz (PCV) – Ficou responsável pela alimentação do facebook, instagram e ajudar no site e junto com Gilmara e Naiane.

Helena (Caetanos) – momento rico e necessário. Foi o primeiro e uma estratégia pensada no Planejamento estratégico que já foi posto em prática. Foi rico, pois fizemos levantamentos de equipamentos, quais as melhorias da comunicação e desafios e eu mesma estou botando fé nesse coletivo. Fiquei responsável pela alimentação do facebook e no canal no youtube junto com Graciele. Fizemos um plano de ação também. O plano de comunicação teve como objetivo geral Como específicos forma: ações da comunicação coletivo de comunicação da Rede Tucum, criar grupo de trabalho com outros jovens das comunidades para fortalecer a Rede Tucum, fortalecendo a participação da juventude na rede como já vimos acontecendo nos últimos anos. Não sei se já foi repassado nas comunidades e é importante repassar com o GT, pois tem várias ações dentro da comunidade e entre comunidades previstas.

Gilmara (Tatajuba) – Achei encontro interessante pois com a comunicação conseguiremos contribuir para a rede caminhar. Acho que vai da certo e foi bem interessante.

Lucio (Jenipapo Kaninde) – Fiquei com a alimentação do facebook, foi um momento muito maravilhoso de troca de experiências das comunidades

Gil – Vejo a rede falando, vejo áudio, tem clip do audiovisual e vejo isso acontecendo já. Não vamos esperar pelo grupo de comunicadores, mas que possamos alimentar e incentivar as atividades cada um na sua comunidade pode tá fotografando, filmando, produzindo material para contribuir com material de divulgação. Vamos mostrar a nossa história do nosso jeito. Queria que fosse lembrado quem estava lá e não estava agora

Rosinha (Maceió) – Temos uma missão no Maceió enorme de botar pra funcionar os equipamentos, pois tem muita coisa e não adianta ficar parado.

Gilmara (Tatajuba) – Climério, Miqueias e Joyce também estiveram presentes no Encontro de Comunicadores.

Aparecida (Caiçara) – Vamos fazer neste momento a entregadas câmerasfotográficas que é do GT das comunidades, mas que fica na responsabilidade dos comunicadores de cada comunidade. Pelo menos por cinco anos a etiqueta de tombamento do Terramar permanece, mas, a responsabilidade de manutenção e possível conserto, em caso de quebra, é de responsabilidade do GT. O livro de receitas foi finalizado e cada comunidade vai levar um exemplar para conhecer e assim que estiver pronto será enviado mais exemplares para a comunidade.

Câmeras:

Comunidade	Representante do GT para recebimento
Tatajuba	Gilmara
Curral Velho	Vinicius
Jenipapo Kaninde	Lucio
Caetanos de Cima	Helena
Prainha do Canto Verde	Beatriz
Ponta Grossa - Icapui	Agabo
Assentamento Maceió	Rosinha
Vila da Volta	Francisco
Frei Humberto	Vera

Ivan (Tatajuba) – parabenizar a equipe de comunicação. No planejamento de Curral Velho saiu a demanda do fortalecimento da comunicação e estamos vendo caminhar que a juventude tem muito potencial para contribuir com esta missão. Nós temos muitos desafios de comunicação interno e externo, e temos muita competição no turismo de massa, e precisamos defender e garantir nosso território temos muitas preocupações com os empreendimentos de fora. Em Tatajuba temos que fortalecer e ampliar o dialogo com os jovens. Estou feliz por receber visitantes com minha casa e fortalecer a renda sem abandonar a pesca, a agricultura, mas sim como fortalecimento. Muito obrigado.

Aparecida (Caiçara) – fazer dois grupos para debater os encaminhamentos levantados no planejamento estratégico.

Socialização dos grupos

Grupo 01

1. Contribuição com a Rede

- Retornar com a taxa de 10%: a maioria teve acordo com essa taxa.
- Rever as comunidades em débito para atualizar 500 reais. No caso específico de Maceió que não tem GT precisa definir uma proposta de construção do GT.

2. Economia Solidária

- Fazer intercâmbio
- parceria com universidade e Rede Bodega

3. Coordenação executiva e colegiada

- criar agenda anual de reunião com articulação e políticas públicas. Busca de recursos e projetos, parcerias e programas. Fazer agenda anual de articulação com cada GT

4. Ciclo de planejamento do território

- Autoreconhecimento da rede, falar mais sobre a rede dentro das comunidades fortalecendo-a dentro dos GT's, poucos conhecem a organização nas comunidades.

5. Grupo de comunicação

- Coletivo formado irá compor agenda de trabalho relacionado as questões de fortalecimento da comunicação da rede.

Grupo 02

1. Formação em rede de produção solidária:

- 1º semestre fazer captação de recursos e organização de recursos;
- 2º. Semestre realização do Encontro de formação.

2. Ciclo de planejamento nos territórios

- GT's enviarem até janeiro agenda local, e a primeira etapa de planejamento estratégico nos territórios ser realizada no encontro da colegiada.

3. Para a comunicação

– resgatar as musicas, áudios, poesias, composições que pode gerar uma gravação de cd das comunidades ou outros produtos. Gravar vídeo clip da Vila da Volta.

DEBATE:

Manuel (Tatajuba): sobre a devolução. Que tenha um grupo de três pessoas ou mais para que realize uma conversa com os membros dos GT's para ver o que aconteceu, qual a situação e ver por que não foi feito a devolução. Não é cobrança, mas ver como conversar sobre essa devolução. Eu acredito que todos os grupos que vão para os locais das redes é em nome do grupo.

Ana (Caetanos de Cima): Sobre quem fala que o turista que vem não vem pela rede. Vem pra onde? E Porquê? É uma importante reflexão

Messias (Coqueirinho): muita gente em Coqueirinho tem essa mentalidade de achar que a rede não é deles. Tem uma professora do colégio que trás duas ou três classes de alunos. Quando termina pergunto o que vai tirar pra Rede Tucum. Ela diz “não veio pela Rede Tucum, fui eu quem trouxe”. Eu como representante do GT não consigo convencer que as atividades são da Rede, que as comunidades são a Rede Tucum. Veio a questão da carta, e querem manter porque não querem perder, mas na hora de contribuir não passa. A gente que tá na ponta é criticado por não repassar mas, é fato que ocorre por falta de formação. Mas, se coqueirinho fosse levado pelo caderno de normas estaria fora. Precisa respeitar as regras e estratégias da rede senão não vai pra frente.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Esse debate é mais sensível. Vou deixar o debate financeiro para quando for tratado só sobre esse assunto. Queria trazer o debate para as políticas públicas. Aquele ponto do primeiro grupo. Lutar por políticas públicas de turismo comunitário, mas o processo atual eleitoral mostra um recuo e retomada dos partidos conservadores do poder. Mesmo assim, precisamos encontrar formas de investir na captação de recursos públicos para o turismo comunitário. Queremos políticas publicas que beneficiem as comunidades. Precisa conhecer os secretários de município e conhecer as propostas de turismo do município.

Helena (Caetanos de Cima) – sobre a questão da política pública não queremos divulgação nenhuma por parte da Secretaria de Turismo. Sobre Caetanos estávamos por dentro da SECULT e uma vez um assessor queria divulgar Caetanos na mesma perspectiva do turismo de Icaraizinho de Amontada e sabemos que a perspectiva dos visitantes é outra. Valyres lembrou bem que:nos parece que Icaraizinho de Amontada está fazendo roteiro incluindo Caetanos de Cima como sendo Icaraizinho de Amontada. E isso é muito sério. E quando se fala da SECULT para divulgar o turismo da região se fala apenas em Icarai. Mas não queremos qualquer divulgação, pois não tá no mesmo patamar. Não estamos concorrendo com este turismo. São experiências diferenciadas. E se fizer divulgação de qualquer jeito a gente estaria fazendo outro tipo de turismo que degrada e pratica exploração sexual.

Não queremos esse perfil de visitantes. Tem diferença grande do turismo de Caetanos para Icarai. Não é qualquer divulgação.

Ivan (Tatajuba) – proposta foi bem discutida mas, não foi debatida pelo grupo geral. Pelo que vejo fica os 10%, como fica definido? E quanto às políticas públicas é uma faca de dois gumes. Precisamos interferir e com cuidado. Precisamos de água, de estradas, etc. É uma questão preocupante, a venda de Caetanos como Icarai. Pode ser redirecionado e é perigoso. Em Tatajuba somos vendidos como Jericocoara. Hoje a Secretaria de Turismo é nosso inimigo, pois apóia esse tipo de turismo que degrada. Temos que enfrentar e ver como interferir com cuidado.

Ágabo (Ponta Grossa) – Começamos a discutir em Ponta Grossa o fato de ser roteiro de Canoa Quebrada precisamos também ter cuidado. Políticas Públicas são essenciais para o turismo por ser esta vista como uma atividade econômica que gera dinheiro. Nosso público é diferenciado, mas temos muitos que vem nos conhecer, mas que não respeitam nosso turismo. Tudo isso são acordos que geram na nossa comunidade um perfil a ser ocupado por um público e a gente não quer que pessoas com um perfil destruidor venham para nossa comunidade. Qualquer impacto já impacta a nossa vida. Então, conhecer o secretário, prefeito e chamar e apresentar a proposta para os secretários algumas vezes, pois não sabem como funciona e a importância dessa forma de turismo para o município, de como gera fonte de renda e desenvolvimento. Então é importante para o município. Os eventos como meio de divulgar os grupos de turismo, por exemplo. São potenciais, realizar centros de eventos para gerar também renda para a comunidade também na baixa estação.

Tita (Tatajuba): quem não se identifica com o turismo comunitário deve sair da Rede. São problemas que não devem existir, pois ao ter que tratar dessas questões deixamos de adotar estratégias de fortalecimento da Rede Tucum. No nosso grupo saiu sugestões tipo: quem sonega deve ter punição, quando atrasa deve ter estratégia de conversa, questão do sentimento de pertença é o mais complicado. Até quando vamos admitir isso? Um dos objetivos desses GT's é pra estar resolvendo essa questão e não gastar tempo de quem não quer entrar no diálogo com a Rede. Senão estamos gastando tempo no lugar de procurar melhores alternativas para a Rede Tucum.

Aparecida (Caiçara): precisamos aprovar algumas propostas. Voltaremos 13e30 com uma definição para a proposta de contribuição financeira.

Tarde: Debate e votação sobre a proposta de contribuição financeira para a Rede Tucum

Início da tarde: Apresentação de composição musical de Vila da Volta

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Falando um pouco sobre o histórico de luta da Prainha do Canto Verde. Em 2009 houve a criação da RESEX da PCV. Contexto de conflito por terra com Tales de Sá Cavalcante que se diz dono da RESEX E luta dentro PCV para defender o território. Membros do Conselho Deliberativo da Assembleia constantemente são agredidos e ameaçados pelos advogados e pessoas aliadas ao Tales. E precisam de solidariedade da Rede em relação aos últimos acontecimentos.

Renê (PCV) – Hoje sabemos muito do que não sabíamos na luta nos anos 80 quando a comunidade entrou na justiça contra a imobiliária mas, atrás da imobiliária esta o famoso Tales. Rosinha colocou agora sobre as ameaças. A associação que ele criou na PCV foi com objetivo de dividir a comunidade para garantir sua tomada de terras. Em 2009 sofreram ameaças e advogados de Tales denunciaram o Beto, a mim e outras pessoas da comunidade de forma desqualificada e injuriosa. Entramos com ação na Comissão de Ética da OAB e em novembro de 2004 e esse advogado foi suspenso em virtude das denúncias efetuadas pelos moradores da PCV. E Tales não aceitou o fato de seu advogado ser denunciado. Muitas coisas foram apontadas contra o Tales. O que o irritou muito. Eu sou perseguido, escolhido por ele. “Eu vou acabar com esse suíço na PCV” ele dizia. Ele entrou com uma ação indenizatória na justiça contra minha pessoa. Já houve agora uma audiência de conciliação e não houve obviamente acordo. Então agora isso voltou e vai demorar um tempo. Mas, eu acho importante de falar sobre isso para nossos aliados que também enfrentam as suas lutas como a maioria daqui. Agora nesse momento não é momento de fazer campanha. Agora não é caso de nota pública ou outra exposição em virtude do andamento do processo. Então, vamos manter todos da Rede Tucum informados sobre o andamento do processo e agradeço a atenção, proteção e solidariedade da Rede.

Aparecida (Caiçara)– Somos solidários a essa causa e no momento que for para apresentar publicamente solidariedade estaremos atentos para expor.

- Todos cantam em solidariedade à Prainha do Canto Verde e à luta por território na Zona Costeira

“É essa luta é nossa, essa luta é do povo.

É só lutando que se constrói um Brasil novo”

Aparecida (Caiçara) – Na Assembleia do ano passado em Jenipapo Kanindé tivemos a discussão sobre o não cumprimento das comunidades da contribuição da taxa de 10%. E foi sugerida uma taxa fixa de 500 reais como forma de sustentabilidade da Rede Tucum. Em duas parcelas 250 em cada semestre. Mas esta taxa também não está funcionando. Recebemos apenas de PCV e de Caetanos de Cima. Durante o planejamento estratégico que houve em Curral Velho, foi questionado por algumas comunidades sobre a viabilidade no pagamento dessa taxa, alegando falta de condições de arrecadação desse valor. Vamos nessa Assembleia então solucionar essa questão, pois não é possível mais se estender nesse problema. Então, como

vamos nos colocar a diante essa questão, uma taxa de 10%, ou uma taxa fixa de 500 reais. Qual opção ou outra proposta que vamos colocar?

Valyres(Caetanos de Cima)– Eu acho que essa rede tá completando 10 anos de muito esforço e se diz que somos solidários e que temos consciência dos nossos deveres e compromissos. Mas, esse compromisso só é dito na Assembleia. Portanto, não é questão de valores,é que não assumem o compromisso. Não querem ter autonomia e querem que sempre alguém banque as Assembleias. É injusto que uma comunidade com baixo fluxo pague o mesmo tanto de outras que tem maior fluxo. Você não ta tirando do seu bolso, você ganhou com isso. Eu defendo os 10%.

Renê (PCV) – compreendo que existem várias comunidades que tem situações diferentes e mostrar que faz parte da Redenção é só uma questão de dinheiro. Se a comunidade participa, como Tatajuba que doou um sacrifício grande para fazer a Assembleia é um crédito para a comunidade. Deve-se considerar quando não pode arrecadar os 10%. Na PCV o Conselho de Turismo Comunitário funciona como uma empresa. São 35 pessoas que fazem várias atividades, merendeiras, aluguel de casa, pequena ou média pousada e aluguel de carro. Então, cada uma contribui com o Conselho de Turismo. Teve um ano que tava no vermelho e os recursos não cobriam os gastos do Conselho Comunitário. Como melhorar isso foi discutido e concluímos que tem serviços que são por concessão e outros por comissão. Diferentes visitantes, diferentes formas de acolhida, individuais e em grupos. Os 10% não é fatorado, mas é sobre a comissão do que cada um tem pela sua atividade, caso contrário o Conselho de Turismo fecha. Então, defendo o valor de 500,00 para nossa realidade de PCV.

Neném (Tatajuba) – Acho uma injustiça uma comunidade receber menos e pagar mesmo tanto. Já chega dessa indefinição, todo ano não resolve e quando tira aqui e depois esquece a responsabilidade e não cumpre com os acordos. Defendo os 10% porque não tem condição, é uma injustiça eu receber 500 clientes por ano e outra receber 50 e ambas pagarem o mesmo tanto. Importante que todos saibam respeitar a opinião uns dos outros e se pagar 10% é algo que não é tirado do nosso bolso. Tatajuba ainda não repassou os 10% devido essa indefinição. Não tem condição de ter tido essa mudança para 500 reais e como algo diferente do que temos em mente sendo como o justo. E Tatajuba vai acertar de acordo com o que foi arrecadado, considerando um repasse de 10%. Não somos mais crianças para teimar em fazer errado e acho que temos que olhar pro Caderno de Normas e cumprir o que foi acordado.

Helena (Caetanos de Cima)–queria fazer um questionamento. Nessa hora onde é que vai nosso discurso de Economia Solidária e de preço justo? Essa idéia foi amarrada lá em Caetanos, a dos 500 reais, mas não lembro se eu concordei com isso, mas se eu tiver concordado, eu estava doida. Preço justo não é preço padrão. É 10% do que você arruma, não é pra ser um preço padrão. É questão de pertença. Quando você se diz “eu sou Rede Tucum” você se reconhece como Rede e você reconhece que para a Rede funcionar precisa de sustentabilidade. Pelo menos, sustentabilidade financeira. Vamos passar a vida dependendo das assessorias? A gente nunca vai ter autonomia

enquanto a gente continuar com esse discurso. Um preço padrão não funciona. E os acordos são amarrados só na Assembleia? Não são levados para os GT's? Não tá indo pra os grupos? Eu defendo os 10% e acho que nada mais justo do que assim. Se a gente tá falando de turismo comunitário o recurso deve ser numa via só, vir do turismo. Fazer evento pra arrecadar esse valor não é coerente. Devemos tirar desse serviço. Desse meio.

Toinho (Tatajuba) – Estou quase contemplado com fala da Helena. Estou querendo saber como foi tirado esse valor? Sabemos que o valor padrão de 500 reais é um privilégio para Ponta Grossa e PCV que tem maior fluxo de visitantes. Foi infeliz quem levantou essa bandeira dos 500 reais. A proposta é que seja 10% e defendo os 10%.

Ana (Caetanos de Cima) – Na Assembleia em Jenipapo Kanindé, as comunidades de Caetanos e Tatajuba foram as que não concordaram e as outras comunidades ficaram de levar a proposta para seus grupos e depois trazer resposta para a Assembleia Extraordinária que houve em Caetanos. Na hora de votar a taxa de 500 reais todo mundo levantou o braço menos Caetanos. Então, como foi só eu que não levantou o braço tive que seguir com a votação da maioria.

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia) – Esse é o debate mais sensível desde muitos anos para ser enfrentado. Quando compusemos a Rede Tucum em 2007 e 2008 foi decidido uma taxa fixa de 120 reais. Mas, em 2009 começamos a elaborar este Caderno de Normas e nós ficamos pensando como que a gente vai encontrar uma maneira de construir a autonomia da rede. Em 10anos a rede depende totalmente da cooperação internacional ou de fora. Porque? 120 reais não dá, e 500 reais também não dá. O Caderno de Normas foi discutido exaustivamente e fechamos nessa proposta: todos trabalhadores(as) de turismo nas comunidades deveriam contribuir com seu grupo. Se ganho 1.000,00, 10%, 100,00 eu deveria contribuir com meu grupo. O GT juntou 1.000,00 dos seus trabalhadores do turismo, desse valor 10% era para o caixa da Rede Tucum e 20% vão para as lutas comunitárias e 70% era para ficar para ações do Grupo de Turismo. O problema é que parece que nem todos colaboravam com o grupo e nem todos os grupos arrecadavam o suficiente. E mesmo assim não conseguíamos, enquanto Rede, arrecadar nem 2.000,00. E para manter o valor simbólico, seria uma taxa mínima de contribuição para quem não arrecada tanto. Então, nem o simbólico e nem os 10% a Rede tem arrecadado. Se o turismo não é capaz de construir a sustentabilidade da Rede ele é insustentável. É inviável. Se esses serviços que oferecemos não paga a nossa sustentabilidade tem alguma coisa errada. Talvez tenha a ver com o preço lá na base, despesas com a alimentação, com a hospedagem, com o que é cobrado. E também não é justo que pessoas ganham renda com o turismo e com a nossa proposta não retornem para manter a rede que as sustenta. Se não dá retorno suficiente temos que parar e repensar o que tá acontecendo. Se estamos tendo prejuízo com o que cobramos precisamos pensar. A cooperação internacional diz que não é justo que financiadores criem a vida inteira condições para que as pessoas gerem suas rendas. Daí veio os 500 reais. Veio a partir do cálculo de quanto a Rede Tucum precisa. E é no mínimo de 20.000,00 reais. Mesmo que não

arrecadasse tudo, que pelo menos a Rede pudesse garantir um mínimo de contrapartida, que é exigido inclusive para captação de recurso. Essa questão é importante para a gente pensar. Ninguém é obrigado a ficar na Rede. Mas, ouvimos durante 10 anos que a Rede Tucum é importante. Precisamos fazer uma leitura crítica de questionar para onde tá indo o dinheiro do turismo comunitário. Em Caetanos, fizemos essa discussão e calculamos que se tivesse 500,00 sendo repassado por 10 comunidades seriam 5.000,00 e ainda não cobriria tudo. Não dá pra ter essa estrutura da Rede Tucum dependendo de instituições como o Terramar e a Caiçara e da Cooperação Internacional que financia estas instituições.

Ivan (Tatajuba) – Nós do Grupo 1 discutimos as várias propostas dos 10%, e dos 500,00 reais. Eu volto a afirmar o que os companheiros já colocaram. Defendo a proposta dos 10%. Se toda comunidade contribuir com 10% conseguimos rodar. Até quando ficaremos nessa indefinição? Não é uma questão de realizar um evento, mas que vigore os 10% a partir de janeiro.

Aparecida (Caiçara) – Hoje nós temos na conta 2.131,00 reais. E se fôssemos para a Colômbia, por exemplo, não teríamos como enviar. Outra coisa. Rogéria fez o cálculo prévio do custo desta Assembleia e deu ainda 16.540,00 reais e ainda tem algumas despesas que não foram acertadas ainda. Então, pode chegar perto de 17mil reais. Se não tivéssemos o apoio não seria possível realizar. Vejam que mesmo com estas taxas, essas despesas da Rede Tucum ainda não estariam cobertas. Precisamos pensar na sustentabilidade e garantir pelo menos nossas Assembleias. E a situação tende a se complicar ainda mais. Não é só uma questão de devolver ou não devolver. E a gente parte do princípio de manter essa taxa de 500,00 reais este ano e todas as comunidades se comprometem em devolver. O que foi votado em Assembleia sobre a taxa não tem como voltar. Então, foi aprovado o valor de 500 reais para pagar a taxa de 2016. Vamos votar. E para ano seguinte vale o que for votado nessa assembleia. Então, mantém a questão de que 2016 permanece a taxa de 500 reais? Quem concorda com essa proposta levanta a mão.

VOTAÇÃO 3:

Mantém que para o ano 2016 permanece a taxa de 500 reais?

Concorda	17 votos
Não concorda	0
Abstenções	6 votos

VOTAÇÃO 4:

Para 2017 saiu a proposta de votar os 10 % ou se mantem 500 reais

Taxa de 10%	20 votos
Taxa fixa de 500,00 reais	2 votos
Abstenções	1 voto

A taxa de arrecadação será arrecadado em que período?

Rosinha (Ass. Moradores Araticum-Palmácia): Deve ser fechada a prestação de contas apenas em janeiro para abrir o ano com o balanço do ano de atividade de turismo na comunidade.

Ana (Caetanos): Importante refletir sobre a escolha dos representantes que irão participar da Assembleia tendo em vista que decisões importantes são tomadas e precisam ser repassadas para as comunidades.

Aparecida(Caiçara): cada comunidade deve agora socializar as atividades realizadas durante o ano.

Socialização das atividades de 2016 nas comunidades:

- **Frei Humberto:**-Atividade com Núcleo Tramas Curso sobre Mulheres, Agroecologia e Justiça Ambiental; Dezembro não é mês de muitas atividades; vieram estudantes americanos por 2 dias; Encontro de Comunicadores da RedeTucum; Feiras (2 feiras); Evento da Pastoral do menor;- Reunião da direção do MST; Campanha da Luizianne com Alojamento de militantes.

- **Icapuí:**Lualdas diversidades; reestruturação da associação comunitária; grupos de universidades, escolas e ONGs; Participação no Encontro dos Povos do Mar; 2 regatas ecológicas comunitárias

- **Vila da Volta:** Apresentações culturais do grupo estrela do mar; Mutirão delimitação no rio Jaguaribe; Carnaval, paixão de cristo, coroação de nossa sra.; Curso de meio ambiente; festa junina; curso de história e memória; curso de informática IFCE e criação do site da comunidade; Mapeamento da Comunidade com a UFC – Geografia.

Batoque:Festa de São Pedro; Festa das crianças; Povos do Mar; Assembleia Nacional do MPP

Caetanos:Projeto fale sem medo; Participação na Assembleia do MPP; Assembleia extraordinária da Rede Tucum; Participação no Encontro povos do Mar; Visita ao grupo de turismo Ponta do Tubarão.

Maceió: Encontro do Nucleo Tramas de mulheres; VI regata de paquetes do Acampamento Nossa Terra; Encontro da Militancia do MST; Vinda de grupo de estudantes do PET da UECE profa. Camila; Turma de intercambio prof. Bil e Oelito;I Jornada dos Sem terra no acampamento

Jenipapo – Kanindé: Festa do Marco vivo; Oficina com museu do caju; Entrevista sobre a comunidade; As noites culturais; Acampamento; Projetos e seminários

Coqueirinho: Estudantes FVJ no margarida Café; Encontros com 45 pessoas e 2 turistas; Alunos de 7 a 8 anos vindas da cidade de Aracati.

Tatajuba: Oficina de organização comunitária; XXII Regata de canoas;Movimentação de proteção a Duna Encantada; Oficina de radio; X

Assembleia da Tucum; Mutirão de cata de sururu; Apresentações de crianças e jovens; Oficina de educação ambiental; Mutirão de limpeza do Manguezal; Assembleia MPP; 2 caminhadas Fora Temer

PCV: Eleição Conselho RESEX; Criação de uma célula do Levante Popular da Juventude; Festa de São Pedro; Participação no Povos do Mar; Capacitação oficina de Radio Comunitária; Regata + campanha de lançamento da campanha orgulho da pesca

Quitérias: Oficinas de percussão; Evento dia dos pais na pousada Tremembé; Festa de emancipação da cidade; Semana do meio ambiente – dia da mãe natureza; Criação do grupo raízes de deus de capoeira; Semana do Peixe boi em outubro; Abertura da estrada dos Pompeus; Festa de Nossa Sra. De Fátima com bingos, comidas e leilão; Projeto de intercambio com campus de psicologia da UECE

Cumbe: Quadrilhas (junho); Festa do Mangue (setembro); Entrega do Projeto Maré Cheia (setembro); Ação coleta de lixo no Mangue (julho); Ação conjunta com o EIAS (outubro); Curso de bioconstrução (agosto); Carnaval dos carambolas (fevereiro); Validação do projeto São José (outubro); Compra do terreno para ser construído o restaurante comunitário do Cumbe.

Apresentação de novas comunidades:

- Comunidade Quilombola do Cumbe – entende a Rede Tucum com estratégia de luta e garantia do território. Apresenta carta de intenção de participação na Rede Tucum.

VOTAÇÃO 5:

Aprovada entrada de Cumbe para composição da Rede?

Sim	23
Não	0

INFORMES:

Aparecida (Caiçara): Acontecerá a Feira de economia Solidária em Fortaleza em frente a igreja de Fátima. São três dias. Rede Tucum foi convidada para participar. Aparecida vai compartilhar via facebook e via conexão tucum. Quem tem interesse em apresentar produtos deve fazer contato com a secretaria para encaminhamento.

Josael (Instituto Ambiental Viramundo) – vivemos um contexto de cinco anos de seca e tem vários movimentos sociais envolvidos no debate do uso e conflitos sobre a questão e o colapso do abastecimento d'água. O açude castanhão só tem 5% de capacidade e abastece o Pecém e a termelétrica consome 800mil litros por segundo. Próximo ano no dia 18 de janeiro terá um

grande ato para exigir o fechamento da termelétrica. Exigir que a água seja destinada para quem precisa. Várias pautas relacionadas a essa questão da água serão levantadas e é uma dimensão que está sendo afetada em muitos lugares. A termelétrica do Pecém, por exemplo, tem desconto do ICMS e mais 84% de desconto no carvão que é tão poluente por emitir muitos gases de efeito estufa. Essa fala não vem só como informe, mas como sensibilização da Rede Tucum para fortalecer essa articulação, pois quanto mais participação de comunidades do estado para que leve em conta essa pauta e a participação no ato e o debate dessa questão é melhor. Seria importante daqui que se tirasse essa posição de apoiar e participar desse ato.

Aparecida (Caiçara) – Terá o Encontro Nacional de Turismo de Base Local em Manaus em 21 a 24 de novembro. Estamos indo Aparecida e Ana e terá momento de feira e queremos ver quem apresenta material para levarmos. Queríamos levar produtos da Rede Tucum e precisamos definir hoje a noite quais produtos levar. Quanto ao encontro da Colômbia não temos certo se há recursos e quando tivermos alguma possibilidade de ida informamos para rede para definir quem vai.

Agora precisamos decidir onde será a próxima Assembleia. A XI Assembleia. São 02 comunidades que vão dizer se podem receber ou não a Assembleia se tem condições considerando que estas estão na vez de possibilidade de realização. PCV e Vila da Volta. Volta se colocou agora para 2019. E PCV se coloca com disponibilidade

XI Assembleia da Rede Tucum

Local: Prainha do Canto Verde

Data: 06 a 10 de novembro de 2017

Debate sobre a organização e prestação de contas da Assembleia

Rogéria (Terramar)– como foi feito o evento? A contrapartida de hospedagem foi feita pela comunidade que acolheu o evento e ainda conseguimos garantir alguns itens de alimento como cereais em supermercado de atacado em Fortaleza.

Messias (Coqueirinho)– Vamos pensar em separar os bichos e criar já pensando em doá-los para a Assembleia. Essa é uma sugestão.

Tita(Tatajuba)– se cada comunidade se responsabilizar por alguns itens de alimentação vai reduzir muito o custo da Assembleia. Então se ficar nesse compromisso é importante pensar nisso. Tentar pensar em estratégia de garantir o deslocamento de seus integrantes também.

Aparecida (Caiçara) – São encaminhamentos que se colocam. E sempre pedimos em nossa confraternização, noite cultural para pensar em duas

pessoas que se coloquem para falar da Rede Tucum. Quem São? Tita e Helena se colocam então.

Resultado do chapéu para a noite cultural R\$314,00

Prestação contas para realização da Assembleia
TOTAL: R\$ 17.000,00

AVALIAÇÃO

1. O que levamos na nossa bagagem de bom?

Companheirismo, amizade, alegria, união, partilha, conhecimento, esperança, compromisso, coragem, superação, solidariedade, responsabilidade, alimentação, acolhida, criatividade, coração, carinho, comunidade, produção, fortalecimento, coletividade, respeito, cultura, paz, juventude, renovação, maturidade, conhecimento, consciência, conselho, conteúdo,

2. O que deixou a desejar desafio o que melhorar?

Saudade, areia nos olhos, acesso, atoleiro, mais compromisso, entender mais de luta, dispersão de jovens, algumas comunidades precisam de capacitações, mais pertença.

3. Sugestões

Comida vegetariana, mais temáticas voltadas para fortalecimento da luta, mais tempo, menos serviço, menos plástico, menos descartável, visão mais ecológica, lavagem da louça, responsabilidade de cada um, kit pescador (rede prato colher e copo).

ENCAMINHAMENTOS

Coordenação executiva e colegiada	Socializar com os GT's os encaminhamentos e debates da Assembleia
	Verificar possibilidades e articulação com políticas públicas e editais em busca de recursos e projetos, parcerias e programas
	Fazer agenda anual de articulação com cada GT
	Verificar estratégias de superação dos desafios diante da fragilização dos GT's de Batoque e Curral Velho
GT's	Primeira etapa de planejamento estratégico nos territórios ser realizada no encontro da colegiada
	Criar um plano de ação para o ano. Ter proposta de agenda local, de calendário de reuniões, de estratégias de planejamento.
	Troca de experiências também entre outras atividades. (Onde a agricultura ecológica tem boa produção, onde dá sinais de autonomia?)
	Entrada da Comunidade Quilombola do Cumbe na Rede Tucum
Grupo de Comunicadores	Agenda de trabalho relacionado às questões de fortalecimento da comunicação da rede
	Resgatar as músicas, áudios, poesias, composições que pode gerar uma gravação de cd das comunidades ou outros produtos.
	Gravar vídeo clip da Vila da Volta.
Economia Solidária	Fazer intercâmbio
	Parceria com universidade e Rede Bodega Formação em Rede de Produção Solidária: - 1º semestre fazer captação de recursos e organização de recursos; - 2º. Semestre realização do Encontro de formação.
Contribuição da rede	Efetuar taxa de 10% para 2017 e em diante
	Em relação a contribuição referente a 2016: permanece a taxa de 500 reais
	Prestação de contas deve ser realizada em em janeiro
XI Assembleia da Rede Tucum	Local: Prainha do Canto Verde Data: 06 a 10 de novembro de 2017

ANEXO

Apresentação de Edilaine Moraes – Slides

<p>X ASSEMBLEIA DA REDE TUCUM 07 a 11/11/2016</p> <p>TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA AMÉRICA LATINA: UMA ESTRATÉGIA EM REDE?</p> <p><i>Edilaine Albertino de Moraes</i></p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO</p> <p>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA EICÓS</p>		<h3>CONTEXTO</h3> <p>"1 Bilhão de Turistas 1 Bilhão de Oportunidades"</p> <ul style="list-style-type: none">✓ A expectativa é de se ter 1,8 bilhões de turistas internacionais até 2030 e destes serem gerados 1,03 bilhões de dólares e 235 milhões de empregos diretos (OMT, 2016).✓ "Brasil como uma das três maiores economias turísticas do mundo até 2022" (BRASIL, 2016).✓ Em 2015, o Ceará foi o sétimo Estado que mais recebeu turistas no país, registrando 78 mil chegadas de turistas (BRASIL, 2016). 
<h3>O TURISMO GERA DESENVOLVIMENTO?</h3> <p>Quem ganha? Quem perde?</p> <p>Cartão Vermelho ao Turismo? (KRIPPENDORF, 2002)</p> 	<h3>TURISMO E COMUNIDADES PESQUEIRAS</h3> <p>Sobreposição da ocupação turística em detrimento da ocupação tradicional. (LUCHIARI, 1999)</p> <p>Turismo e pesca: complementaridade ou substituição?</p> 	<h3>QUESTÕES INSPIRADORAS</h3> <ul style="list-style-type: none">✓ Que tipo de rede se configura nas iniciativas de turismo de base comunitária?✓ Quem são os atores sociais envolvidos e que ações esses mobilizam em rede?  <p>www.redturs.org</p>
<h3>A NOÇÃO DE REDE</h3> <p>"Nova estrutura social e de poder" "Expressão de organização de movimentos sociais, ações coletivas e organizações da sociedade civil" "Relações e alianças formais e informais, horizontais e verticais" "princípios de solidariedade e confiança" "Intercâmbio e compartilhamento de informação, conhecimento e recursos" "Movimento de reagrupamento e reassociação de variados atores" "Cada um de seus pontos se apoia em outros"</p> <p>RELAÇÕES E ALIANÇAS</p> 	<h3>REDES NA RELAÇÃO COM O TURISMO</h3> <p>...agrupamento de diferentes setores de serviço, comércio e indústria para aumentar a competitividade de mercado (XAVIER et al, 2012)</p> <p>o turismo tanto se apropria de redes originadas de outras finalidades, como também induz a instalação de novas de redes nos territórios ocupados (CRUZ, 2007)</p>  	 <p>AMÉRICA LATINA</p> <p>Legenda Povoamento histórico (Conquistas) Diversidade natural e cultural</p>
<h3>ORIGEM DO TBC NA AMÉRICA LATINA</h3> <ul style="list-style-type: none">✓ Década de 1980, populações rurais e de origem indígena da região dos Andes e da América Central.✓ Pressão do mercado turístico internacional;✓ Superação de uma situação de pobreza crônica;✓ Papel das micro e pequenas empresas no desenvolvimento local;✓ Estratégia política para a preservação dos seus territórios ancestrais. <p>300 destinos 500 comunidades</p>  	<h3>DEFINIÇÕES DE TBC</h3> <p>"Turismo realizado em áreas naturais, determinado e controlado pelas comunidades locais, que gera benefícios estas e para as áreas relevantes para a conservação da biodiversidade". (WWF 2003: 23).</p> <p>TBC se baseia "na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos" (Maldonado, 2009)</p> <p>"Aquele tipo de turismo que favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento". (Irving, 2009)</p>	<h3>PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS TBC</h3> <ul style="list-style-type: none">✓ em que os benefícios socioeconômicos impactam de forma mais direta à comunidade local;✓ em que a sustentabilidade socioespacial e econômica são as práticas orientadoras;✓ em que prevalece uma relação dialógica entre turista e comunidade;✓ em que existe forte componente de participação e protagonismo social dos agentes internos (da comunidade);✓ em que a gestão comunitária dos empreendimentos locais e outras formas de organização comunitária são condição;✓ onde existe foco para o alcance do desenvolvimento local;✓ em que a noção de pertencimento e identidade fortalecem as atividades produtivas e o modo de vida;✓ em que as atividades estão baseadas e permeadas pelos valores culturais e respeito às tradições;✓ onde, muitas vezes, o turismo como complemento a outras atividades econômico-produtivas e não como substituição. <p>Biblioteca (2002-2013): 287 documentos. MENDONÇA et al (2014)¹²</p>

PERFIL DO VISITANTE DE TBC

- ✓ Brasileiros e estrangeiros, de alto poder aquisitivo, elevada escolaridade, sensíveis às questões socioambientais;
- ✓ Buscam "fugir" do turismo convencional;
- ✓ Não exigem luxo, mas serviço de qualidade;
- ✓ Troca de experiências e convívio com culturas distintas;
- ✓ Voluntário nas atividades cotidianas da comunidade visitada;

Apoio de projetos locais.
Viajantes independentes
Turistas responsáveis;



(Buenin, 2012)

DOCUMENTOS NORTEADORES

1995 2001 2002 2003 2014

Carta para um Turismo Sustentável de Lanzarote (OMT)	Declaração de Otavalo sobre Turismo Comunitário, sustentável, competitivo e com identidade cultural (REDTURS)	Programa de Turismo Sustentável e Eliminação de Pobreza (ST-EP) (OMT)	Declaração de San José sobre Turismo Rural Comunitário (REDTURS)	Declaração de Granada (FITS América Latina)
--	---	---	--	---

2017

International Year of Sustainable Tourism for Development

- ✓ A Assembleia Geral 70 das Nações Unidas designou 2017 como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento (A/RES/70/193)
- ✓ Promoção do turismo nas cinco áreas-chave:
 1. Crescimento econômico inclusivo e sustentável
 2. Inclusão social, emprego e redução da pobreza
 3. Proteção da natureza e do clima
 4. Valorização da diversidade cultural e patrimônio
 5. Compreensão mútua, paz e segurança

REDE DE TURISMO COMUNITÁRIO DA AMÉRICA LATINA



• Rede aberta, formada por comunidades rurais e indígenas, instituições de apoio técnico e profissionais do setor.

• TBC busca compatibilizar a eficiência econômica com os princípios de equidade social, de valorização das identidades culturais e de preservação dos recursos naturais (Maldonado, 2007).

1ª articulação em rede para a promoção do TBC na América Latina

INICIATIVAS DE TBC AUTODENOMINADAS COMO REDES NA AMÉRICA LATINA

1. Red Indígena de Comunidades del Alto Napo para la Convivencia Intercultural y Ecorurismo (RICANOE) – Ecuador (1998);
2. Convênio Cooperativo Red Ecorurística Nacional (COOPRENA R.L.) – Costa Rica (1994);
3. Red Provincial de Imbabura (RINATURARI) – Ecuador (2001);
4. Red de Turismo Comunitario Garfuna (MUTU) – Honduras (2001);
5. Red de Poveles Indígenas del Mopu Lahual – Chile (2002);
6. Red Indígena de Turismo de México (RITA) – México (2002);
7. Red Brasileira de Turismo Solidário Comunitário (TURISOL) – Brasil (2008);
8. Red de Turismo Rural de Base Comunitaria (MUELA GAUCHA) – Argentina (2004);
9. Red Nicaragüense de Turismo Rural Comunitario (RENTURAL) – Nicaragua (2005);
10. Red Argentina de Turismo Rural Comunitario (RATURC) – Argentina (2006);
11. Red de Turismo de Chapas Ecoturismo y Etnias (SENDASUR) – México (2006);
12. Red Boliviana de Turismo Solidario y Comunitario (TUSOCO) – Bolivia (2008);
13. Red de Turismo Comunitario Huasteca-Suro (RETHUS) – Ecuador (2008);
14. Red de Turismo Campesino Valles Caucholes de Salta – Argentina (2008);
15. Red Cearense de Turismo Comunitario (TUCUM) – Brasil (2008);
16. Red de Turismo Comunitario del Lago Titicaca (APTHAR) – Bolivia (2009).

TIPOS DE ORGANIZAÇÃO DE REDES

- ✓ Formação de associações e cooperativas sociais (Costa Rica, México, Argentina e Bolívia)
- ✓ Criação de agências e de operadoras de viagens e turismo (Ecuador e México)
- ✓ Movimentos sociais, ONGs e ações coletivas (Honduras, Chile, Brasil e Nicarágua)
- ✓ Iniciativas governamentais (Argentina)



ESTABELECIMENTO DE ALIANÇAS

ATORES SOCIAIS

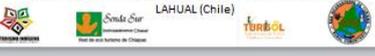
- empreendimentos comunitários e/ou familiares, associações, cooperativas sociais, agências e/ou operadoras de viagens, instituições públicas e ONGs

REDES NACIONAIS

- associações, cooperativas sociais, ONGs e comunidades locais (RENTURAL (Nicarágua), da TUSOCO (Bolívia), da COOPRENA (Costa Rica) e da TURISOL (Brasil))

REDES LOCAIS

- famílias ou grupos familiares organizados, (MUTU (Honduras), SALTA (Argentina), CHIAPAS (México), TUCUM (Brasil) e MAPU LAHUAL (Chile))



INTERCÂMBIO E COMPARTILHAMENTO

- ✓ intercâmbio de recursos, de serviços, de informações, de conhecimento e de oportunidades para a formação e aprendizagem (TURISOL e TUCUM (Brasil), SENDASUR (México) e APTHAPI (Bolívia)).
- ✓ encontros de formação e outros eventos
- ✓ materiais didáticos, publicações e vídeos
- ✓ relação entre os visitantes e os visitados



DIFICULDADES/DESAFIOS

TURISMO SOLIDÁRIO – DESARROLLO SOSTENIBLE

- ✓ Investir na capacidade de gestão das redes de turismo comunitário;
- ✓ Melhorar a qualidade da oferta de prestação de serviços com relação à demanda;
- ✓ Definir estratégias efetivas de promoção e comercialização;
- ✓ Minimizar a elevada dependência de recursos externos e descontinuidade de apoio financeiro;
- ✓ Fomentar o engajamento dos membros da rede no processo;
- ✓ Adequar a condição de informalidade no estabelecimento de parcerias;
- ✓ Incluir o TBC em políticas e estratégias nacionais de desenvolvimento turístico;
- ✓ Resistir à forte influência do setor turístico convencional.

REDE TURISOL (2015)



- ✓ Intercâmbios comunitários
- ✓ Sem posicionamento partidário
- ✓ Criação de comissões
- ✓ Inclusão dos atores que não são comunidade/atores não comunitários (ONGs, operadores e academia, principalmente) como parceiros próximos e ativos
- ✓ Criação de uma comissão inicial transitória
- ✓ Iniciativas de turismo de base comunitária no centro dessa comissão
- ✓ Adesão de novos sujeitos interessados em compor a Rede através de uma carta de princípios
- ✓ Diversidade étnica e de gênero e forte representação das comunidades
- ✓ Representantes de todas as regiões
- ✓ Ter as experiências exitosas na Rede para inspirar e dar visibilidade
- ✓ Sem personalidade jurídica, um movimento

TBC

2015 – Ano de ampla articulação coletiva em diferentes regiões, culminando no II Encontro Nacional da Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário



TBC NO BRASIL – pesquisa bibliográfica e documental



206 iniciativas

MENDONÇA et al (2014)

Ministério do Turismo

Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento Turístico

- Departamento de Qualificação, Certificação e Produção Associada ao Turismo

= Coordenação Geral de Produção Associada e Desenvolvimento Local

Estimular o desenvolvimento sustentável

- Combater a exploração infanto-juvenil
- Integrar a produção associada
- Fomentar o turismo de base comunitária

Segmentos Turísticos

Rede Cearense de Turismo Comunitário – TUCUM



“O Turismo Comunitário se trata de um processo em que grupos organizados possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo responsáveis pelo planejamento das atividades e pela gestão das infraestruturas e dos serviços turísticos” (TUCUM, 2013).

Princípios e diretrizes da Rede Tucum (2013)

1. As atividades de Turismo Comunitário são desenvolvidas por grupos organizados e os projetos são coletivos;
2. O Turismo Comunitário se integra à dinâmica produtiva local, sem substituir as atividades econômicas tradicionais;
3. O planejamento e a gestão das atividades são de responsabilidade da organização comunitária local;
4. O Turismo Comunitário se baseia na ética e na solidariedade para estabelecer relações comerciais e de intercâmbio entre a comunidade e os visitantes;
8. O Turismo Comunitário fundamenta-se na construção de uma relação entre sociedade, cultura e natureza que busque a justiça ambiental

7ª Assembleia da Rede TUCUM

- ✓ fortalecimento das comunidades fragilizadas
- ✓ regularizar os grupos de turismo comunitário
- ✓ busca pelo acesso às políticas públicas
- ✓ promoção de curso de formação em gerenciamento, contabilidade e idioma
- ✓ ações de sensibilização para o envolvimento da juventude
- ✓ organização de festas juninas, farinha e regatas ecológicas
- ✓ ação de mobilização ambiental
- ✓ troca de experiência com outras Redes.

A rede é uma articulação e não uma instituição



Coqueirão, 2013

8ª Assembleia da Rede TUCUM

- ✓ fortalecimento dos GTs
- ✓ ampla participação dos comunitários
- ✓ gestão local
- ✓ participação comunitária, assumimos compromissos e repassamos os aprendizados.
- ✓ as relações entre as pessoas
- ✓ não há pagamento e sim devolução e retroalimentação do investimento

A Rede não é prestadora de serviço!



Maceió, 2014

9ª Assembleia da Rede TUCUM

- ✓ Organização dos grupos,
- ✓ Participação da comunidade;
- ✓ Oferta de produtos e serviços;
- ✓ Aproveitamento das potencialidades econômicas da comunidade;
- ✓ Relação entre os grupos de turismo comunitário;
- ✓ Condições de infraestrutura local;

Relação entre as comunidades envolvidas na Rede TUCUM!



Jenipapo, 2014



Questões que permanecem em aberto

- A partir dos movimentos já constituídos, quais são os fluxos em constituição?
- Quais são os conflitos latentes na Rede Tucum?
- Como podem ser solucionados?
- Como pode ocorrer a comunicação com as redes vizinhas?



COCHICHO

- Quais são os interesses em jogo e como podem ser resolvidas ou contornadas?

OBRIGADA!



<https://www.facebook.com/tbc.ufrj>
 @edilaineiturmoraes@notmail.com

"Sozinhos vamos mais rápido. Juntos vamos mais longe."

Slides – Apresentação - Intercâmbio na Acolhida da Colônia



Planejamento Estratégico da Rede Tucum Realizado em Curral Velho

Memória das principais discussões e decisões do Planejamento Estratégico da Rede Tucum

Data: 16 e 17 de Setembro de 2016

Local: Comunidade Curral Velho – Acaraú

Facilitação: Aparecida (Associação Caiçara); Cristiane (Instituto Terramar)

Conteúdos desta Memória

1. Perguntas Geradoras de pontos sobre os desejos, obstáculos e potencialidades da Rede Tucum
2. Algumas reflexões para se avançar no enfrentamento dos obstáculos
3. Avaliação da Estrutura de Gestão da Rede
4. Avaliação da forma de contribuição financeira coletiva para a Rede
5. Conversa preparatória para a próxima Assembleia
6. Sobre transição da Secretaria e assessoria de Terramar
7. Agenda Externa e Encaminhamentos
8. Medidas Estratégicas de curto e médio prazo
9. Proposta de composição de um Coletivo de Comunicação da Rede Tucum (confirmar nomenclatura)

1. Perguntas Geradoras

Como os membros da Rede Tucum gostaria que ela estivesse em 2020?

- Articulada no município e no Estado
- Mais divulgada nacional e internacionalmente
- Gts mais fortalecidos
- Mais exercício da autonomia dos GTs
- Mais participação das comunidades nos GTs
- GTs locais mais articulados entre si
- Comunidades divulgando umas às outras
- Comunidades mais apropriadas do Caderno de Normas
- Serviços mais organizados
- Ter mais quantidade e diversificação dos visitantes

Quais os obstáculos a Rede enfrenta hoje para se chegar onde os membros a querem em 2020?

- Não diálogo com políticas municipais
- As pessoas não se sentem parte da dinâmica dos GT's
- Trabalho de animação dos GTs centrado em poucas pessoas
- Não cumprimento dos planejamentos e acordos
- Falta conhecimento sobre as normas internas
- Questão estrutural, acessos, etc.
- Organização dos pacotes
- Baixo controle e registro de informações
- Desestímulo à participação dos jovens
- Ausência de Formação em Rede de produção solidária
- Metodologia da comunicação não é eficaz
- Falta de compromisso dos GTs nas estratégias de comunicação
- Ausência de divulgação

Potencialidades que ajudam a Rede a chegar aonde quer?

- Articulação local forte na história de lutas comunitárias; Organização Social local; História de resistências
- Conhecimento da história local
- Parceiros internos (na comunidade) e externos
- Participação da Juventude
- Participação forte das mulheres
- Cultura Local e Modos de vida local; Culinária; Atividades Tradicionais, Cultura de solidariedade; Eventos Tradicionais
- A Rede pode ser um espaço de debate sobre Segurança e Soberania Alimentar
- Ambientes Conservados, áreas de preservação; Resexs
- Possibilidades de Turismo Ecológico
- Existência de Infraestrutura para receber visitas; Acolhida diferenciada
- Falas públicas
- Acesso a tecnologias de informação
- Aprendizagens da EPTC

2. Algumas reflexões para avançar no enfrentamento dos obstáculos da Rede

É preciso considerar a diversidade de situações que existem nas diferentes comunidades, umas estão mais avançadas, algumas ainda estão se organizando.

Em algumas comunidades há uma sobrecarga de trabalho em poucas pessoas; de um modo geral o engajamento e a identidade da Rede precisam ser fortalecidos a partir dos grupos locais. Se os grupos locais não estiverem atuantes a Rede nunca vai funcionar bem.

Os problemas referentes à organização dos dados da Rede e dos grupos, assim como as dificuldades para uma maior articulação com as comunidades, só podem ser superados com uma melhor dinamização dos grupos.

Também é necessário avançar nos processos de comunicação desde os grupos. Atualmente os problemas de comunicação estão muito mais vinculados à metodologia do que ao acesso às tecnologias da informação, e houve também um bom processo de formação em comunicação com a juventude.

Outra questão relevante para o fortalecimento dos grupos e da Rede é a necessidade de se ter mais formação e articulação em redes de produção solidária, pois apesar das comunidades terem uma cultura de solidariedade, como Rede ainda precisa fortalecer seu exercício a partir de princípios de colaboração solidária em processos econômicos coletivos.

Algumas mudanças serão estruturantes para que as coisas possam melhorar, dentre elas:

- Aumentar o engajamento dos grupos de trabalho local e de suas coordenações nos processos decisórios, de animação e cotidianos da Rede;
- Aumentar o exercício de autonomia desses grupos em relação aos parceiros e as instâncias da Rede Tucum;
- Aumentar o engajamento dos participantes locais na animação dos GTs;
- Fortalecer os processos de comunicação internos e externos, nos GTs locais e na Rede como um todo.

3. Avaliação da Estrutura de Gestão da Rede

Atual Estrutura da Rede:

- Assembleia Anual
- Coordenação Colegiada: composta 02 representantes de cada GT Local
- Coordenação Executiva: Yuri (Jenipapo Kanindé, René (PCV), Ana(Caetanos de Cima), Aparecida (pela Caiçara)
- Secretaria Executiva: Caiçara

Síntese da Avaliação: Não há necessidade de mudar essas instâncias nesse momento, mas fortalecê-las e dinamizar seu funcionamento. A estrutura reflete um esforço

de democratização e participação, mas existe uma centralidade das decisões na Secretaria e uma dependência da Rede à agenda na Secretaria, o que é visto como uma inversão de papéis: todos esperam a decisão da secretaria. Para fortalecer essas instâncias o trabalho com os grupos e o fortalecimento da identidade da Rede será importante.

De um modo geral será importante distribuir melhor o trabalho necessário para a gestão e funcionamento da Rede como um todo e dos grupos. Para tanto uma das urgências é mobilizar as representações dos GTs locais nas decisões da Rede, bem como na implementação dessas decisões.

Quanto à atual composição das instâncias será necessário avaliar na Assembleia a composição da Coordenação Executiva, hoje com 3 pessoas do litoral leste e apenas 1 do litoral oeste. Essa composição precisa ser reequilibrada em termos de representação, uma proposta é substituir ou incluir mais um membro e avaliar a participação dos membros atuais.

4. Avaliação da forma de contribuição financeira coletiva para a Rede

A proposta atual de contribuição anual de R\$ 500,00 está sendo questionada por algumas comunidades, que avaliam que: a forma de contribuição via porcentagem é mais justa, pois, está relacionada à dinâmica específica de visitantes em cada território. Tatajuba sugere ampliar a porcentagem para 20%.

Existe uma proposta dos grupos colaborarem com a Rede a partir de outras iniciativas para captação de recursos. Essa proposta pode não ter sustentabilidade, porque exige muito mais trabalho dos membros. O mais adequado é que a contribuição seja feita a partir dos resultados do turismo comunitário realizado pelos Gts.

Existem desigualdades de organização entre os GT's. Em algumas comunidades há pouca compreensão sobre o que é a Rede Tucum, ou sobre o que significa de fato um visitante 'Via Rede Tucum'. Isso afeta a contribuição coletiva para o funcionamento da Rede. Tem também o problema de não se ter um bom registro das informações econômicas da Rede, que muito ajudaria nas estratégias de sustentabilidade. É preciso reconhecer a contribuição da Rede para as atividades realizadas pelos grupos locais. É necessário fortalecer nesse sentido os registros das informações reais, a identidade e o sentimento de pertença.

A discussão sobre a contribuição financeira deve ser feita dentro da questão da sustentabilidade, que não se resume ao financeiro, mas todas as dimensões da Rede, inclusive o processo de formação, comunicação e gestão da Rede.

5. Conversa preparatória para a próxima Assembleia

Data da Assembleia: 07 à 11 de novembro de 2016.

Tema da Formação: A conjuntura com foco no Turismo, a partir da seguinte pergunta: O que essa conjuntura e sua complexidade recaide na política de turismo e no processo de organização do Turismo Comunitário.

Quem participa: Representantes dos GTs (preferencialmente as coordenações); associação comunitária local, pessoas envolvidas na comunicação. Será garantida a presença dos movimentos de juventude, a partir de pessoas que estão também na dinâmica da Rede.

6. Sobre transição da Secretaria e assessoria de Terramar

Terramar mantém-se no processo de transição de Secretaria com Caiçara. Uma das emergências é a captação de recursos para viabilizar os trabalhos da Secretaria, que tem atualmente uma carga de atividades intensa. Será importante buscar recursos para a manutenção de uma pessoa remunerada para dar agilidade aos encaminhamentos da Secretaria.

O Terramar continua como assessoria da Rede Tucum e segue com a responsabilidade firmada com o coletivo, mantendo diálogo contínuo para garantir as ações da Rede Tucum consideradas nos planos de ações da instituição.

7. Agenda Externa e Encaminhamentos

Agenda	Encaminhamentos
Feira Nacional de Turismo na Bolívia em 22 a 27 de outubro de 2016. Organizada por uma instituição na Bolívia.	Buscar recursos para garantir participação. Terramar vai ver se pode colaborar com algum recurso dos projetos institucionais.
Encontro Nacional de Turismo de Base Local- ENTBL – Manaus. Novembro de 2016. Organização financia uma passagem para um palestrante.	Buscar recursos para mandar mais uma pessoa. Terramar vai ver se pode colaborar com algum recurso dos projetos institucionais.
Encontro Internacional de Turismo Comunitário – Colômbia – março de 2017. São 30 vagas para o Brasil. Tem duas vagas para a RedeTucum.	Tentar buscar, através da Secretaria recursos com a CESE e o Fundo Casa para viabilizar participação.

8. Medidas de curto e médio prazo

O que	Ideias	Quando/ Onde	Quem movimenta
Organizar 01 formação em Rede de Produção Solidária, buscando aprendizagens sobre Economia Solidária; autoconhecimento da Rede e diálogo com suas potencialidades.	Aparecida, Ana, Terramar, Bia, Frei Humberto	Começar a organizar em 2016 para realizar em 2017	Secretaria (Caiçara)
Realizar 01 ciclo de planejamento nos territórios.	Fazer 01 Encontro de preparação com as coordenadoras/es GT's nos territórios coordenação dos GT's e coordenação executiva	Começar a organizar em 2016 para realizar em 2017 Encontro Preparatório em Novembro de 2016, colado com a Assembleia que será em Tatajuba.	Secretaria e Coordenações
Instituir uma agenda de planejamento anual das instancias de coordenação e secretaria.	Durante a Assembleia	Fazer calendário em Novembro de 2016 (na Assembleia) e implantar em 2017	Assembleia, Coordenações Colegiada e Executiva e Secretaria
Realizar I Encontro dos Comunicadores da Rede Tucum	Fazer um diagnóstico preliminar das ferramentas e metodologias de comunicação dos GTs e da Rede para subsidiar as decisões do I Encontro de Comunicadores	20, 21 e 22 de Outubro de 2016 Em Fortaleza (Frei Humberto)	Secretaria, Terramar e Prainha do Canto Verde (Bia)
Participar de uma Formação para alimentação e dinamização do Site da Rede Tucum		Verificar a data e o local com a Du Designer	Aparecida pela Secretaria, Bia (PCV), Larissa (Coqueirinho), Gilmara (Tatajuba)
Rediscutir a	Os prazos e valores	Preparar um debate	Coordenações e

<p>colaboração coletiva para a Rede</p>	<p>anuais poderiam ser livres, a partir das possibilidades de cada.</p> <p>Voltar a definir um percentual, por ser mais justa.</p> <p>Discutir a contribuição financeira a partir da sustentabilidade, se perguntado: Quais as vantagens de se estar na Rede Tucum? Na linha de prioridade o que importa mais para a Rede Tucum: defesa do território, afirmação da cultura, fortalecimento comunitário, renda? O que pesa mais? Quais as coisas mais importantes? Por que colaborar com a Rede?</p>	<p>político para a Assembleia de Novembro sobre a questão da contribuição.</p> <p>E após Assembleia levar as decisões aos GT's.</p>	<p>Secretaria</p>
<p>Buscar Recursos a partir de projetos, para sustentabilidade da Rede e para a Secretaria.</p>		<p>Permanentemente</p>	<p>Em principio todos os membros da Rede. Terramar e Secretaria darão suporte para isso.</p>
<p>*Criar um coletivo de Comunicação da Rede Tucum</p>		<p>Até Dezembro</p>	<p>Definir dentro do encontro de comunicação que será realizado em outubro.</p>

9. Proposta de composição do Coletivo de Comunicação da Rede Tucum (confirmar nomenclatura)

Quem faz mobilização hoje nos territórios?	
Tatajuba	Gilmara
PCV	Bia e Gabriel
Caetanos	Graciele e Helena
Maceió	Rosinha
Icapuí	Aparecida e Luana
Coqueirinho	Naiane
Curral Velho	Joice
Vila da Volta	Francisco
Jenipapo Kanindé	Yuri
Frei Humberto	Elitiel
Terramar	Sula

Músicas – Pelos Caminhos da América (Zé Vicente)

Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Latino América.

Pelos caminhos da América há tanta dor,
Tanto pranto, nuvens, mistérios,
Encantos que envolvem nosso caminhar.
Há cruzeiros beirando a estrada,
Pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas,
Que a liberdade é pra lá.

Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor,
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
Com esbugalhados, vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América há mães gritando, qualloucas,
Antes que fiquem tão roucas, digam onde acharão,
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.

Pelos caminhos da América, no centro do continente,
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.

Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo tempo,
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha, há um pau d'arco florido,
Um guerrilheiro querido, que foi buscar o amanhã.

Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta,
Recusando a velha pauta, que o sistema lhe impôs.
No violão um menino e um negro tocam tambores,
Há sobre a mesa umas flores, pra festa que vem depois

Música - Antônio Ana – “Música considerada um hino do Acampamento nossa Terra” (Assentamento Maceió)

Queremos sim um turismo comunitário
É necessário esse povo conhecer
Nossa cultura e a nossa forma de luta
Na resistência contra o abuso e o poder

Com esse avanço do capital estrangeiro
Nossos nativos onde é que vão ficar
E nosso Estado vai ter que encontrar um jeito
Exigimos mais respeito aos povos do mar

Sempre foi e será
Com um povo unido seu Dr. não há quem possa
Por isso mesmo é que esse povo aqui está
Dizendo ao mundo que essa praia aqui é nossa

} 2x

Nós não estamos sozinhos nessa batalha
Primeiro temos Deus para nos proteger
Também estamos na luta do dia-a-dia
Em parceria com o MST

Quero em nome da nossa comunidade
Agradecer a todos que vem apoiar
A nossa luta que é legítima com certeza
Por quem está em defesa da Mãe Terra e do Pai Mar

Sempre foi e será
Com um povo unido seu Dr. não há quem possa
Por isso mesmo é que esse povo aqui está
Dizendo ao mundo que essa praia aqui é nossa

} 2x

Música – Comunidade Vila da Volta

Se você passar aqui vai se encantar
Com o nosso povo e as belezas do lugar
E se tem na Volta e com certeza Volta
Pra Vila da Volta

Aqui a gente tem a mulher rendeira
O chapéu da humildade e do pescador
O barquinho a vela e a caçoeira
O amor à terra pelo agricultor

A força e o esplendor da Mãe Natureza
E o reluz da lua e do Sol nascente
Venha conhecer esse paraíso
Que dá vida e alimenta o coração da gente

Tem o Rio Jaguaribe o Pai do lugar
E a Mãe gamboa pra sustentar
Os filhos da Volta que com certeza Volta
Pra Vila da Volta